

Unidade e Ação Para o Pagamento do Salário-Mínimo

Manifesto da C.T.B.

A Confederação dos Trabalhadores do Brasil acaba de divulgar o seguinte manifesto:
Trabalhadores e trabalhadoras:
A todas as organizações sindicais:
O Supremo Tribunal Federal, atendendo à ganância dos empregadores, suspendeu a aplicação dos novos níveis de salário-mínimo que devem ser iniciados no dia 3 de julho.
É um ato reacionário, constitui uma conspiração contra o salário-mínimo. Governo, empregadores e tribunais uniram-se para tentar manter os atuais salários de fome de milhões de trabalhadores.

A aprovação dos novos níveis de salário-mínimo, que constituem uma vitória da unidade de ação do proletariado, corre assim um grande perigo.

A Confederação dos Trabalhadores do Brasil, que participou da grandiosa luta para sua aprovação, protesta veementemente contra essa manobra criminosa, a qual atinge a milhões de operários e empregados que esperam o salário-mínimo para compensar, em parte, o aumento vertiginoso dos artigos de consumo popular.

Trabalhadores e trabalhadoras:

A Confederação dos Trabalhadores do Brasil, exprimindo os sagrados interesses de todos os trabalhadores e de todo o povo, condena os proseguidos da luta, com vigor e unidade redobrados, para assegurar em definitivo a vitória alcançada.

Foi a nossa luta unida que fez com que o governo aprovasse os novos níveis de salário-mínimo. Só a luta unida dos trabalhadores derrotará essa conspiração e obrigará os em-

pregadores a reconhecerem nossa legítima e sentida reivindicação.

Para isso é necessário que todos os Sindicatos se mantenham em assembleia permanente, como farão os sindicatos do Distrito Federal a partir do dia 29 de corrente.

Trabalhadores e trabalhadoras:
Enviem telegramas, moções, abaixo-assinados, etc., ao Supremo Tribunal Federal e ao governo, comissões aos jornais, protestando e exigindo o cumprimento do decreto que aprovou o salário-mínimo!

Realizai manifestações operárias e sindicais, como a que será levada a efeito no Distrito Federal no dia 1º de julho!

Preparam comícios públicos e desencadeai greves para exigir o cumprimento do salário-mínimo e o imediato congelamento dos preços!

Reforçai o Pacto de Ação Comum, assinado entre os trabalhadores e os sindicatos de São Paulo e do Distrito Federal, com a adesão de todos os trabalhadores e Sindicatos nacionalmente! Criai comissões de Aplicação do Salário-Mínimo nos Sindicatos e nas empresas!

Trabalhadores, Sindicatos:

De nossa firmeza, da nossa unidade inquebrantável, de nossa organização e disposição de luta nas empresas, nos sindicatos, da união dos sindicatos e federações é que depende nossa vitória completa e rápida.

Mobilizemo-nos com rapidez para vencer as manobras reactionárias e assegurar nossa vitória!

Rio, 26 de junho de 1954.

A CONFEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES DO BRASIL.



A garçonete do Thalia palpita: Brasil 2 a 0.



A opinião do comerciante: Brasil: 2 a 1.

Ao meio dia (hora do Rio) o jogo Brasil x Hungria

EMPOLGADOS OS CARIOCAS COM O ENCONTRO DE HOJE

Será, sem exagero, um embate de gigantes — Através de duas equipes de alta qualificação, medem forças dois tipos de futebol mundialmente famados — Prognósticos favoráveis ao time de Zézé Moreira numa enquete popular — E a Light correrá o circuito em diversos bairros!

Hoje ao meio-dia (hora do Rio de Janeiro), devem defrontar-se na Suíça, representadas por duas equipes de alta qualificação, duas escolas diferentes de futebol. O jogo dos sul-americanos e dos húngaros é conhecido na Europa. Mas esta é a primeira vez que no Velho Mundo o atual futebol sul-americano enfrenta o novo futebol húngaro.

Foi em 38, na disputa da Copa do Mundo, que o novo futebol da América do Sul teve sua exibição na Europa, através do Brasil, firmamente no conceito geral, como um dos melhores.

Em 1929 o Ferencvaros, da Hungria, jogou no Rio, deixando excelente impressão.

Hoje, brasileiros e húngaros, aprimorados, apresentam-se em Berna usando novos métodos e novas táticas. A característica principal do futebol húngaro é a prima-

zia do poder ofensivo, ao passo que os brasileiros adotam a chamada tática de Zézé Moreira (variante do clássico futebol inglês WM) que se baseia numa defesa tremendamente sólida e no fator surpresa das escapadas.

Sem exagero, pode-se afirmar que hoje ao meio-dia dar-se-á um choque entre dois gigantes. Por isso as atenções de todos os esportistas do mundo voltam-se para a Suíça. Especialmente interessados, milhões de bra-

sileiros e húngaros acompanharão o jogo de hoje. Embora tendo pela frente um adversário tão poderoso, nós brasileiros, esperamos a vitória do time nacional e esse é o espírito demonstrado na enquete popular que ontem realizamos e que publicamos neste página.

FALAM OS TORCEDORES

Vai ser um jogo duro. Todavia, é claro que conto na turma de Zézé Moreira. Por isso é que meu palpite: Brasil: 2 a 1. Hungria: 1 a 0.

Com essa opinião o fiscal da Light, chapa n.º 1051 abriu a enquete promovida pela IMPRENSA POPULAR em torno do associativo espetáculo do sábado em disputa da Copa do Mundo.

Outro fiscal da Light, o 869, mais otimista, opinou:

Para mim é barbatana: Brasil 4x2.

A OPINIÃO DAS COMERCIÁRIAS

No «Café Tânia», um grupo de comerciárias discutiu animadamente quando o reporte as atrações. Não é natural dizer que a conversa grava em torno do jogo de hoje. Uma delas, a jovem «caixa» Celeste Silva, disse:

Tenho é a equipe de Castilho, mas devemos considerar que, segundo dizem, os húngaros são os tal. Por isso meu palpite é: empate 1x1.

Sua colega Rosângela Souza não concordou com a opinião da colega e gracejou:

Não é jogo não pode ser um a um... vai ser: Brasil: 2x0.

O GRANDE FAIS DE FUSKAS

Nas proximidades do Teatro (CONCLUI NA 5.ª PAG.)

Incomunicáveis

No D.O.P.S.

A IRMA DE PRESSES E MAIS DOIS PATRIOTAS — PROTESTA A A.B.D.H. JUNTO AO MINISTRO DA JUSTIÇA

Há quatro dias, encontrava-se recolhida, incomunicável, no cubículo 3 do D.O.P.S., a sra. Lúcia Prestes Brandão irmã de Luiz Carlos Prestes e esposa do ex-vereador Otávio Brandão. Os beleguins de Vargas prenderam-na, juntamente com seus cônjuges do IBGE, Jaime Cascon e Rodolfo Pinto Barbosa, quando os três, na Rua Acre, distribuíram material de propaganda dos candidatos populares às eleições de outubro e protestaram, em conversa com várias pessoas, contra a infame agressão do imperialismo norte-americano à Guatemala.

Este é mais uma violência desse governo dos trustes ianques. Tal fato representa, ainda, um grave atentado à Constituição, que assegura o pleno direito a qualquer cidadão, de fazer propaganda dos candidatos de sua preferência. E, o protesto contra a invasão da Guatemala jamais poderá dar motivo à prisão, uma vez que

(CONCLUI NA 5.ª PAG.)



Humberto



Indio



Bossi



Kocis

DESTROEM ESCOLAS E ASSASSINAM CIVIS

AVIÕES PROCEDENTES DE HONDURAS E NICARÁGUAS, FINANCIADOS POR CÍRCULOS NORTE-AMERICANOS — OS INVASORES DA GUATEMALA ESTÃO SENDO DESTROÍDOS — MOÇÃO DE SOLIDARIEDADE AO GOVERNO GUATEMALTECO APROVADA PELA CÂMARA DO URUGUAI

O escritor Jorge Amado recebeu da Casa da Cultura Guatemalteca o seguinte telegrama:

«Aviões invasores, procedentes de Honduras e Nicarágua, financiados por círculos norte-americanos prosseguem os criminosos bombardeios das populações pacíficas guatemaltecas, assassinando habitantes, destruindo escolas e centros culturais.

Solicitamos urgentemente um protesto do mundo cultural e dirigir-se ao Conselho de Segurança da ONU exigindo ação pronta e efetiva. SOLIDARIEDADE DO PARLAMENTO URUGUAIO

os mercenários procuram fugir, estando virtualmente desbaratados.

SITUAÇÃO DIPLOMÁTICA

O governo de Guatemala recusou permitir que a chamada Comissão de Paz da Organização de Estados Americanos (organismo subordinado aos interesses ianques) faça um inquérito no seu território a pretexto de capturar a situações. O governo guatemalteco exige que a agressão de que é vítima seja examinada pelo Conselho de Segurança da ONU, de acordo com a própria Carta das Nações Unidas.

Na 5.ª página: Notícia detalhada. Na 3.ª página, notícia sobre a solidariedade à Guatemala, no Brasil.

VAI A DIA A POLÍCIA NO RECIFE

PROIBIRAM A EXIBIÇÃO DO FILME FLOR DE PEDRA

RECIFE, 26 (Via Italcable) — A polícia proibiu a exibição do filme soviético «Flor de Pedra», no Cinema Coliseu. Quando era comunicada essa arbitriação deliberada, a platéia vaiou prolongadamente os policiais.

DIRETOR: PEDRO MOTTA LIMA IMPRENSA POPULAR

ANO VII RIO, DOMINGO, 27 DE JUNHO DE 1954 N.º 1235



LIVRE EXISTÊNCIA DOS PARTIDOS



FAVORAVEIS AO PROJETO 4.583 OS DEPUTADOS HEITOR BELTRÃO E CRISANTO MOREIRA DA ROCHA — AMPLO MOVIMENTO POPULAR POR SUA APROVAÇÃO

NÃO tenho dúvida em dar meu inteiro apoio ao projeto 4.583, que acaba de ser apresentado à Câmara — declarou-nos o deputado Heitor Beltrão. Acho que não se deve, sob qualquer pretexto, restringir a liberdade de pensamento. Se uma agremiação política manifestar-se, em seu programa ou em seus estatutos, de acordo com a forma republicana e federativa de governo, no mesmo tempo em que proclaimar seu respeito aos direitos fundamentais do homem assegurados na Constituição e seu reconhecimento de que a pluralidade partidária é condição básica do regime democrático, evidentemente está em condições de obter o seu registro na Justiça Eleitoral.

LEGALIDADE DO P.C.B. Acentuou ainda o deputado carioca: (Conclui na 5.ª pag.)

No grande comício de 5 de julho

Solidariedade à Guatemala e apoio ao salário-mínimo

FALA-NOS O GENERAL BUXTBAUM SÓBRE AS COMEMORAÇÕES QUE SERÃO REALIZADAS PELA LIGA DA EMANCIPAÇÃO NACIONAL — CONTINUAM OS PATRIOTAS OS IDEIAS DOS COMBATENTES DE 22 E 24

— Este ano, as comemorações do 5 de julho revestem-se de profunda significação. Os ideais de 1922 e 1924 ganham projeção hoje nos ideais dos verdadeiros patriotas, que lutam pelo progresso e pela efetiva independência da nossa pátria.

O CASO DA GUATEMALA O general Buxbaum continua a falar:

— As oligarquias que dominam os governos e contra as quais se levantaram os revolucionários de 22 e 24 juntou-se o imperialismo americano.

(CONCLUI NA 5.ª PAG.)

do nosso povo. Significa traição à soberania nacional, traição à Pátria. Apoiar a agressão que a United Fruit, os homens de Washington e Wall Street desencadearam contra o governo legal da Guatemala significa apoiar antecipadamente a mesma agressão contra os demais povos latino-americanos em sua luta de libertação nacional, significa apoiar a ofensiva do imperialismo americano.

Um governo que apóia a agressão sofre governo guatemalteco porque resolveu se opor à espionagem realizada pela United Fruit em seu país é um governo que não vacilará em massacrizar o nosso próprio povo para deter as lutas contra a entrega de nossas riquezas e dos frutos do nosso trabalho aos monopólios de Wall Street.

Deste governo precisa se libertar o nosso povo, utilizando todos os meios de combate à sua política de traição nacional, inclusive a campanha eleitoral em curso.

A luta irreconciliável contra o governo de Vargas é seu patrimônio.

— A luta irreconciliável contra o governo de Vargas segue o caminho oposto:

é a favor da agressão, contra o governo de Guatemala e também contra o povo brasileiro.

Isto não significa, apenas, traição

ao povo guatemalteco, é opinião dominante

na sociedade a favor da agressão.

P

VALÉRIO KONDER, candidato a senador e Modesto de Souza, candidato a vereador, estiveram presentes ontem, a instalação de mais um posto eleitoral, na Rua Santo Cristo, 621. Perante numerosos residentes do bairro, Valério Konder falou sobre o significado das candidaturas populares e a importância de se travar a luta eleitoral para derrotar os entreguistas, inimigos do povo. Usando da palavra, o artista de cinema e teatro Modesto de Souza, explicou a necessidade do apoio entusiástico à campanha dos 10 milhares para eleger os patriotas. (Na quinta página publicamos a relação dos postos eleitorais que serão inaugurados hoje).

PELOS JORNais

O «NAPALM» E A CIVILIZAÇÃO
O «Diário de Notícias» publica em manchete:
BOMBARDEADA A CAPITAL DA GUATEMALA
Aviões rebeldes lançaram sobre a cidade petardos de grande fôrça explosiva, enquanto aparelhos de caça «Thunderbolts» metralhavam a população — Atacada também e ferrovia entre Zacapa e a Capital — Em chamas a importante cidade de Chiquimulas.

Como no Coréia, os massacradores norte-americanos lancam seu napalm sobre cidades pacíficas e metralham mulheres e crianças. Tôdas estas monstruosidades, que revolvem a consciência do mundo, são praticadas em nome da civilização cristã e ocidental. Mas na realidade em proveito dos lucros da United Fruit Company e das armas do imperialismo dos Estados Unidos.

Conversações

Murcio

No comentário do mesmo jornal, encontramos:

«Churchill e Eden já iniciaram em Washington conversações com o presidente Eisenhower e o secretário de Estado, sr. Foster Dulles. Os observadores autorizados são de opinião que será muito difícil aos dois candidatos ingleses aplaudirem integralmente as sérias divergências existentes entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha».

Os massacradores da Guatemala se inquietam com as possibilidades crescentes de paz na Indo-China, caninismo seguro de paz em tida à Ásia, segurança da paz mundial. Chamam à matriz do Partido da Guerra seus subscritores menores. As divergências são sempre maiores e mais profundas. Com o pavor pânico da paz, os incendiários de guerra dos Estados Unidos procuram alastrar o incêndio que mandaram deflagrar na América Central. Para Foster Dulles, os focos de guerra não podem se extinguir.

Incontestável

O sr. Osório Borba escreve:

«Que o pretorianismo, o primarismo, as valades e ambigüezas do general Zenóbio sejam propícios ao comunismo getuliano não separam nos outros quem o conteste».

Contestar quem há de? Os métodos fascistas de um se ajustam com os processos fascistas do outro. E os dois se entrosam no fascismo norte-americano.

«Eu gosto de homens assim. Desses tipo — Gulherme Romano. Que meto a cara. Que leva tudo a peito. Que enfrenta qualquer situação. E gosto, muito mais, quando um homem, assim, tem a responsabilidade de chamar, a si a infância infeliz da minha terra. Porque... é o que Gulherme Romano está fazendo — não se arrepende das dificuldades...»

Será que se pode chamar de homens esses indivíduos?

O engrossador de Romano demonstra que também não se arrepende diante das dificuldades. Elogia até o Romano, um possível prefeito de Getúlio.

Ninguém vai perder tempo em acompanhar gente dessa espécie. Bentevi quer jabaculé. E acha, naturalmente, que os jabaculés em dólares de Mr. Kemper são mais compensadores. Trata-se da mentalidade, a que se referia ainda há pouco o sr. João Café.

A desfalcadoz desse individuo é por toda parte sem limites. O propagandista de guerra pede «colaboração» com o mundo livre de Franco, Eisenhower, Adenauer e companhia. E fala para o povo francês como se falasse para comparsas de trânsito e de guerra.

Homens

Um José Venerando escreve no mesmo jornal:

«Eu gosto de homens assim. Desses tipo — Gulherme Romano. Que meto a cara. Que leva tudo a peito. Que enfrenta qualquer situação. E gosto, muito mais, quando um homem, assim, tem a responsabilidade de chamar, a si a infância infeliz da minha terra. Porque... é o que Gulherme Romano está fazendo — não se arrepende das dificuldades...»

Será que se pode chamar de homens esses indivíduos?

O engrossador de Romano demonstra que também não se arrepende diante das dificuldades. Elogia até o Romano, um possível prefeito de Getúlio.

Ninguém vai perder tempo em acompanhar gente dessa espécie. Bentevi quer jabaculé. E acha, naturalmente, que os jabaculés em dólares de Mr. Kemper são mais compensadores. Trata-se da mentalidade, a que se referia ainda há pouco o sr. João Café.

A desfalcadoz desse individuo é por toda parte sem limites. O propagandista de guerra pede «colaboração» com o mundo livre de Franco, Eisenhower, Adenauer e companhia. E fala para o povo francês como se falasse para comparsas de trânsito e de guerra.

Alcague

O Radical publica:

«A Embaixada americana tem, agora, a seu serviço, mais um jornalista-alcagueiro. Trata-se de Orlando Portela («Moleque Bentevi»), cuja atuação deve ser acompanhada com passus.

Ninguém vai perder tempo em acompanhar gente dessa espécie. Bentevi quer jabaculé. E acha, naturalmente, que os jabaculés em dólares de Mr. Kemper são mais compensadores. Trata-se da mentalidade, a que se referia ainda há pouco o sr. João Café.

A desfalcadoz desse individuo é por toda parte sem limites. O propagandista de guerra pede «colaboração» com o mundo livre de Franco, Eisenhower, Adenauer e companhia. E fala para o povo francês como se falasse para comparsas de trânsito e de guerra.

Exploração Desumana De Operários, em Feital

MAGE (Do correspondente) — É grave a situação dos operários que trabalham em lavagem de areia da Companhia Auxiliar de Viação e Obras, na localidade de Feital, próximo de Piedade, neste município.

O encarregado, Sr. Guilherme Marinho é um verdadeiro carrasco dos operários. Ele quer obrigar os operários ao trabalho de mais 4 horas, além das 8 horas, sem direito a extraordinário.

Ganhando salários tão baixos e comprando tudo caro, os trabalhadores e suas famílias são obrigados a morar em ranchos de sítio e passar fome o ano inteiro.

SE OS PREÇOS NÃO FOREM MAJORADOS

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal. Afirmando que defenderá com firmeza o direito de colher os frutos do seu trabalho e de sua família. Não permitirá que Abdala tome conta de suas plantações. Genil fez um apelo a todos os camponeses do Laranjal: que se unam para a defesa dos seus direitos, contra os espiões como Michel Abdala, que contam com o apoio das autoridades do almirante Amaral Pelxoto.

O camponês Genil Bernardes esteve novamente na redação da sucursal deste órgão em Niterói, acompanhado de diversos moradores de Laranjal

PRESTES E O FUTURO DO Povo

OS ESQUEMAS, a Eleitoral de Emergência, as confusões propostas das classes dominantes, as vacilações de grupos, os compassos de espera, as ameaças, pressões e intimidações fazem parte de um plano. Por trás da fumaça de um charuto de hídrante tipo esm com cheira, anuncia sorrido o pensador das águas turvas, o pal das matrashes, dr. Getúlio Vargas. Até, sem nenhum risco, aparece o imperialismo norte-americano, mal encarado como sempre na pessoa dos seus representantes legais. Vargas se apoia do corpo e alma no imperialismo dos Estados Unidos. Não há futuro para governos assim, já adverte em 1930 Kuo Mojo, ilustrado escritor e vice-presidente da República Popular Chinesa. Da China, #6 Formosa, pensa Vargas, e continua o jogo, lembrando a recente atitude dos seus delegados na ONU (igual à dos delegados de Chiang Kai Shek) no caso da Guatemala.

Duro é saber que já não pode mais enganar o povo cansado, fadado, explorado, revoltado. E' preciso fazer ondas e marolas no oceano da corrupção, neutralizar, conter, subornar, alugar políticos em disponibilidade. Getúlio tem uma grande arca: a cornucópia dos ágios. E' com ela que pensa aplacar todos as dificuldades do seu caminho, furores de Lacerda, resentimentos de Estelino, algumas divergências provincianas.

Dante da cornucópia dos ágios, os ladrões públicos se alvoroçam. «Ah! os ágios! Os ágios de Aranhas» — e certos candidatos imaginam as eleições de outubro como uma grande feira, plena de baleias, barracas, aulões, caminhões. Para a defesa dos Estados Unidos, dos seus privilégios odiosos, & com essa gente que o Getúlio conta. Têm o apoio das grandes empresas lanques e das grandes senhoras de terra e pensam em perpetuar a servidão no Brasil. Queremos eleições que não passem de um negócio, um tomadá, uma troca de vantagens e concessões, uma compra de posições. Tudo, contanto que não se toque nas raízes da miséria: o latifúndio e o imperialismo dos Es-

tados Unidos. Nesse mundo de sombras e de atraso, Getúlio é quem dá a última palavra.

Podeis botar vossas faias, elas podem ser coloridas e gritantes. Podeis levantar vossas tabelas bem grandes, vossos cartazes de todo tamanho, podeis berrar vossas qualidades nunca dantes suspeitadas, podeis fazer todas as promessas e acenar com os milagres das multiplicações, podeis falar até do passado. O povo passa. Por vezes capse.

Candidatos ligados ao latifúndio e ao imperialismo não interessam ao povo. Ele sabe que os verdadeiros candidatos para as eleições de outubro buscam tribunas e trincheiras para a defesa dos direitos da pátria; a independência nacional, as liberdades democráticas, paz.

As reivindicações dos operários e das massas campesinas só podem ser defendidas por homens firmes e dignos, fiéis ao seu povo. Estes são os candidatos populares, que procuram canalizar para uma campanha sem precedentes, que empolgue todo o povo, todos os anseios das amplas massas populares.

Os candidatos populares — um Valério Konder, Roberto Moreira ou Costa Netto — vão diretamente ao povo e com ele discutem os problemas mais sentidos do momento. Não se limitam ao debate. Indicam o Justo caminho que há de ser trilhado por todo o povo para a derrota da reação. Têm um programa. Lutam por um regime de felicidade, de bem estar para todo o povo brasileiro.

Os brasileiros compreendem a necessidade de derrotar os entreguistas e eleger os patriotas. Os interesses vitais do nosso povo, da classe operária, da massa campesina, da pequena burguesia estão em jogo nas eleições de outubro. Não se trata da feira dos aproveitadores. Mas de uma batalha contra o imperialismo lanque. O povo brasileiro se lança ao combate, certo de que está em jogo seu futuro e sua vida, o progresso e a paz. Neste mundo de luta, a palavra pertence a Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança.

Emmo DUARTE

Quem é o Autor da Lei Eleitoral Americana?

Dário Cardoso, que trabalhou de encomenda no Caso Michel, coloca mais uma vez seus dedos hábeis a serviço da reação, manipulando o pequeno código de inspiração policial-fascista

A Sala do Café do Senado rege-se através de normas singulares de hospitalidade. Um senador pode sentar-se e oferecer café pequeno ao amigo que estiver a seu lado. Sendo grande o prestígio do País, é possível oferecer chá. Mas, biscoitos não! Os biscoitos são privativos de suas excelências e rigorosamente intransferíveis, inclusive os faroles. Felizmente a Secretaria da Casa encontrou uma fórmula democrática para a solução do delicado problema, sem desrespeito dos dispositivos regimentais. Um servente de Jacarepaguá vende bolinhos do Largo do Pechincha.

Mas o Senado não é a Sala do Café. É o plenário, que é muito pior. Lá se sentam, ou já ilustraram o couro de suas poltronas, homens como o general Góis Monteiro, que ortamentou os anais da Casa com as flores de seus discursos pornográficos. Lá, pontifica o sr. Vitorino Freire, estomago de avestruz, que digeriu todo um andar do edifício dos Correios e Telegráficos do Recife sem a menor perturbação gastrica.

O MAIOR

Entre os piores senadores é maior, sem dúvida, é o sr. Dário Cardoso, autor de uma reforma eleitoral, feita de encomenda pela Embaixada Americana, cujo artigo 32

visa cassar aos brasileiros, que não querem a entrega de nosso país aos lanques, o direito constitucional de elegerem.

O sr. Dário Cardoso quer viver e galgar postos e vivendo esse objetivo não tem bandeira. Eis porque os governos reacionários sempre se aproveitam do senador Dário Cardoso como pôr para toda obra. No tempo da cassação dos mandatos foi um dos cinco sábios do PSD. Assim consolidou, através de influência do governo federal, sua posição em Goiás, que não era boa.

TROCA-TINTAS
A junção de Dário com Pe-

Programadas Comemorações da Derrubada da Bastilha

Pela Associação Brasileira de Defesa dos Direitos do Homem — Solidariedade à Guatemala

A fim de discutir e elaborar o programa com que a Associação Brasileira de Defesa dos Direitos do Homem — Solidariedade à Guatemala —

Participaram dos debates o general Artur Carnaubá, presidente da A.B.D.D.H., juizes Oney Duarte e Geraldo I. Jofily, coronel Luís de França Albuquerque e dr. Norberto dos Santos, vice-presidente; general Valério Braga, almirante Vítor Mondaine, capitão de Mar e Guerra Valterio Caldas e dr. Magalhães Torres Filho, do Conselho Consultivo, e tenente Valter Ribeiro, secretário da organização.

Estiveram ainda presentes os drs. Leiteles Rodrigues de Britto, Evandro Carvalho, Silviano Palmeira, Augusto Belem e Wilson Lopes dos Santos, capitães Orlando Malo e Ari Mirançou e suas. Edi Duarte

Pereira e Carmen Barreto Marques.

Conforme o programa aprovado, serão realizadas palestras preparatórias do ato dia 14 em diferentes bairros dessa cidade, prevenindo-se, também, comemorações em São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul e lançamento de um manifesto naquela data.

SOLIDARIEDADE À GUATEMALA

Ainda nessas reuniões, resolver-se-á dirigir telegramas de solidariedade à Guatemala dos embaixadores daquele país e dos Estados Unidos e ao presidente da República do Brasil.

OS ÚLTIMOS LANCAMENTOS DE SUCESSO

O GRANDE NORTE — Tikhon Siomuchkin (4º vol. da Coleção Romances do Povo) ... Cr\$ 60,00

A GRANDE CONSPIRAÇÃO — Michael Sayers e A.E. Kahn (Nova Edição) ... Cr\$ 70,00

ATRAVESSANDO AS FRONTEIRAS DA URSS (Entrevistas) ... Cr\$ 30,00

A CIDADE DO RECIFE — José de Castro (Ensaios de Geografia Urbana) Cr\$ 50,00

O PROGRAMA AGÁRICO — V.I. Lenin (Biblioteca da Nova Cultura) ... Cr\$ 35,00

LIBRARIA INDEPENDÊNCIA
RUA DO CARMO, 38 - SOBRELOJO
Rio de Janeiro

Rua do Carmo

Rio de

Cartas dos leitores

Bica Com Urgência

Escreve-nos o leitor A. de Albuquerque:

Francamente só um prefeito como este do sr. Getúlio Vargas é capaz de assistir ao drama do povo carioca sem água nem para beber e nada fazer. Pois, há muito tempo que os moradores da Rua Ferraz, em Cascadura, reclamam a instalação de uma bica d'água ali e até hoje nada. Só conversa fiada de provisões, de campanha no povo e a realização que é boa não é feita. Eu mesmo, por pedido de alguns amigos, enrei uma

carta à Prefeitura reclamando contra o flagelo da falta d'água nos subúrbios e, particularmente, em Cascadura, mas nem resposta tive. Parece até que é propósito do prefeito dar a entender que não recebe nossas reclamações. Mas, aqui está uma, feita através de um jornal, que por certo, ele lerá ou será informado, no qual querer ler. Não tenho ilusão de que ele venha me responder, porque esperar isto é seria infantilidade minha. Mas, um dos meus objetivos com

esta carta é fazer ciente ao povo — mais uma vez — que não somos ouvidos pelos prefeitos, pelos governos e outras coisas semelhantes. Não me alongarei, pois já disse o que queria. Faço, todavia, uma observação final: não podemos ter ilusões com o sr. Getúlio Vargas nem com seu prefeito, mas um dia sim, seriamos assim. E, então, seremos nós, povo, através dos nossos legítimos e próprios representantes que resolveremos todos os problemas que ainda nos afligem.

As crianças, que não tiveram a felicidade de nascer endinheiradas, isto é, que não tiveram oportunidade de serem educadas, não devem ser tratadas assim. De-

GOVERNO CONTRÁRIO AS CRIANÇAS

De um leitor, que não se assina:

O que o governo sabe fazer é perseguir as crianças. Se lemos, se ouvimos rádio, etc., verificamos que há um esforço de tirar a polícia contra os menores, sempre apresentados como "espirditos", "maifeiteiros", etc.

No entanto, quem é mais perdido que este governo que é ai? Ele não dá às crianças colégios e outros meios de amparo, mas se limita a fazer suas negociações. Assim, ele e esta sociedade corrupta estão podres e são os maiores malfeitos.

As crianças, que não tiveram a felicidade de nascer endinheiradas, isto é, que não tiveram oportunidade de serem educadas, não devem ser tratadas assim. De-

sim, sim, ser amparadas, a fim de amanhã poderem ser orgulhos de pertencer a esta grande pátria, que um dia será feliz e livre dos seus inimigos internos e externos.

CINEMA TEATRO RÁDIO

Agulhas e Microfones

NOVIDADES DA COPACABANA

de Fora Prado.

Gilberto Alves apresenta agora um novo disco na Copacabana. Os números são os seguintes: «Vejo tudo, menos vocês», valsas de Cláudio Bueno e G. G. Santos, e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Margot Bhérer e Yvonne Finger.

Alamiro Carrilho, conhecido solista de flauta, autor do «Bico Antigo», compõe agora com mais um novo. «O encanto das valsa». «Quem que vale a vida sem amor», valsas de J. Carvalho e Leonor Assevedo, e «Não... e sim», canção de A. Carrilho e A. Nunes formam o novo disco de Orlando Silva, o cantor das multitudes.

Dolores Duran personaliza, gravou em seu maior sucesso, o disco Copacabana, os sambas-canções «O amor acentua», «Céu e céu», «Flávio Cavalcanti», e «Canção da volta», de Antônio Maria e Ismael Neto.

Aloysio e seu conjunto têm mais dois novos discos Copacabana à venda. No primeiro foram incluídos valsas «Alegria de Florence Veran» e «Já é tarde, menos vocês», valsas de Cláudio Bueno e G. G. Santos, e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib. No segundo, em ritmo de bumba-meu-boi, foi gravada «Sicarocinha» (a marcha campeã do carnaval passado), assinada por Zé da Zilda, Zé da Zilda e Waldyr Machado, o mais o «Balé do Presidente», de Hervé Durovel.

Trio Marimbá, conjunto vocal dos mais queridos, com todo o Brasil, apresenta agora num novo disco, «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca II acompanha o Conjurado de Nostinho. Na faca III o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado de São Paulo executa num novo disco Copacabana o samba-canção «Alegria de Florence Veran e a saudade-canção «Olhos Azuis», de Júlio Nagib, e a balada de Paupi e Fandango, intitulado «A memória». Na faca I acompanha o Ritmo de Lucena.

A Banda da Fôrça Pública do Estado

Lutam os Padeiros Contra o Desemprêgo

ASSEMBLÉIA NO DIA 2 DE JULHO — EXTINTO O HORÁRIO NOTURNO EM DIVERSAS PADARIAS — PERDERAM A COMISSÃO DE 20% OS VENDEDORES A DOMICÍLIO

DESEMPEGO EM MASSA

Conforme foi amplamente noticiado há dois meses, em repreensão a uma portaria da COFAP, os proprietários de padarias, que davam aos vendedores a domicílio uma comissão de 20% no pão que vendiam, surpreenderam esta Comissão. Passaram a entregar o pão aos vendedores pelo preço de venda no balcão, para que acrescesssem os 20% sobre esse preço na venda aos freqüentes. Por isso muitos deixaram de comprar o pão a domicílio, indo comprá-lo diretamente no balcão, 20% mais barato. Desemprego em massa, foi o resultado da medida para os vendedores a domicílio.

SUPRIMIDO UM TURNO

Outra medida tomada pelos proprietários de padarias e que trouxe sérios prejuízos não só para os vendedores a domicílio como para os demais empregados de padarias e para a população foi o corte do horário noturno. Diversas padarias, entre elas a Glória, Ibirurá, Aliança, Mucelha, Ancora Dourada e outras, acabaram com o horário noturno passando a produzir pão apenas durante o dia. O produto passou a ficar pronto às 7,30 horas da manhã, quando praticamente é desnecessária a entrega

A comissão de padeiros em nossa redação

Os vendedores de pão vão se reunir em grande assembleia, no próximo dia 2, no Sindicato dos Padeiros, para discutirem os problemas que lhes estão sendo criados com as modificações feitas pelos proprietários de padarias, tanto no horário de funcionamento dos estabelecimentos como no preço de entrega do pão aos vendedores a domicílio.

a domicílio, o que veio desempregar inúmeros vendedores. Por outro lado, uma turma (a noite), que trabalhava no fábrico de pão, foi também desempregada. E o povo passou a só comer pão fresco depois das 7,30 horas da manhã, quando quase todos os que trabalham já tomaram o café matinal.

APELO DA COMISSÃO

Uma comissão de padeiros que esteve em nossa redação relatando os fatos acima, pediu-nos também publicar seu apelo à corporação, particularmente aos vendedores a domicílio:

Os companheiros devem comparecer em massa à assembleia do dia 2, não permitindo que continuemos a sofrer enormes prejuízos como estes, sem tomar uma atitude de protesto. O Sindicato sózinho nada pode fazer. É preciso que estejamos todos frequentando as assembleias, fazendo pressão sobre a Diretoria para que ela force os patrões a respeitarem, pelo menos, nosso direito de trabalhar.

Agnostino de Oliveira, um dos integrantes da Comissão, acrescentou:

Se ficarmos alheios aos acontecimentos, quando abrirem os olhos estaremos todos desempregados. Por isso é de fundamental importância nosso comparecimento à assembleia do dia 2 de julho:

Vida Sindical

Dissídios em pauta no TST

Estão em pauta para julgamento amanhã no Tribunal Superior do Trabalho, os dissídios coletivos por aumento de salários instaurados pelos seguintes sindicatos: dos Empregados em Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Distrito Federal, dos seguradores de Minas Gerais e dos Trabalhadores nas indústrias de Laticínios e Produtos Derivados de Açúcar e de Torrefação e Monge de Café de São Paulo.

Eleições

Por editorial publicado na imprensa o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Chapéus, Guarda-Chuvas etc., para saber que realizará eleições no dia 22 de julho próximo, para renovação da diretoria, Conselho Fiscal e representação junto à Federação do Vestuário. Está aberto até o dia 27 de mês corrente o prazo para inscrição de chapas.

Ensacadores de Café

O Sindicato dos Carrageadores e Ensacadores de Café comunica aos seus associados que as eleições para a renovação da diretoria estão marcadas para o próximo dia 26 de julho. O pleito terá início às 8 horas encerrando-se

Comissários

Estão convocados pelo Sindicato todos os sócios para a assembleia que será realizada amanhã, às 13 horas.

Trabalhadores em Lavanderias

Vão reunir-se na sede do sindicato para discutir também a previsão orçamentária.

Aeroviários

Os aeroaviários estão sendo convocados para uma assembleia geral extraordinária amanhã, às 17,30 hs, na sede do sindicato.

Energia Elétrica

O Sindicato está convocando os associados para uma assembleia geral ordinária que se realizará no dia 30, às 17 ou às 18 horas, em primeira e segunda convocação.

Compositores Teatrais

O sindicato convoca seus associados para as eleições que serão realizadas amanhã e avisa que a mesma terá inicio às 9 horas finalizando às 18.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem do Rio de Janeiro

SEDE PRÓPRIA: RUA MARIZ E BARROS, 65

Edital de Convocação

Companheiros e companheiras texteiros. De acordo com o que ficou acordado na reunião da Comissão Inter Sindical e diante do mandado de segurança impetrado pelo Sindicato das Indústrias Texteis suspendendo a nova tarifa imposta decretado em 1º de Maio, conquistado pelos trabalhadores, fraternalmente todos os companheiros, trabalhadores e trabalhadoras nas Indústrias de Fiação e Tecelagem do Rio de Janeiro, sócios ou não do Sindicato, para compor a grande Assembleia Geral Extraordinária a realizar-se dia 29 de corrente, às 18 ou 19 horas, em 1a. ou 2a. convocação, respectivamente, com a seguinte

ORDEM DO DIA:

- 1) Dar clínica à classe das medidas tomadas na reunião intersindical;
- 2) Tomar medidas para a garantia e aplicação de salário mínimo de 2.400 cruzeiros PARA TODOS OS TRABALHADORES.

Companheiros e companheiras: jovens operários; não falem a esta grande reunião. Que no dia 29, ao deixar o trabalho, todo operário textil dirija-se à sua Sindicato, seja ou não associado do Sindicato, porque só assim poderemos dar uma resposta à altura aos patrões reactionários!

Tudo pela garantia dos 2.400 cruzeiros!

A DIRETORIA

Grande Sortimento

de artigos para o inverno — Artigos finos para homens

— Cama e mesa —

Fábrica própria — Vendas a varejo

R. da Carioca, 87 — (Junto à Pça. Tiradentes)



Ótica Continental

Rua Senador Dantas, 118

Cr\$

150,00

O Que Vai Pôr

Assistência Médica no Curtume Carioca

No inicio do mês estive em nossa redação o operário Manoel Batista da Silva, que trabalha no Curtume Carioca. Disse-nos que o médico assistente daquela fábrica, Henrique Rabin, olhou-o rapidamente, sem sequer avisar uma receita, quando de uma consulta que lhe fizera, já tuberculoso, em virtude das condições anti-higiênicas daquele Curtume.

Acrecentou o trabalhador que o médico lhe disse:

— O senhor tem uma saúde de ferro. É bom não voltar aqui.

Numa clínica particular a que foi, constatou o operário estar com os pulmões minados pela tuberculose. Esclarecendo melhor, disse que o médico assim agira como sempre agiu em relação aos demais trabalhadores. E' que — explicou — o médico fica nas boas graças do patrão porque não dá licença aos operários, mesmo doentes.

Publicamos o relato, por se tratar de uma desumanidade o fato de um médico fazer «média» com os patrões à custa da saúde e da vida de trabalhadores, chefe de família.

Carta do Médico

Declaro, entretanto, surpreendido com a denúncia, em carta enviada ao nosso jornal, o médico assistente do

curtume Carioca, dr. Henrique Rabin. Na sua carta, diz o dr. Rabin: «Fui surpreendido com

qual foi atendido com atenção, que me merecem todos os casos dessa natureza, acrescentando diversas circunstâncias ainda que jamais me neguei a tratar e consultar operários e suas respectivas famílias que por recorrem aos meus serviços profissionais.

Reconhecendo sua doença, afastei-o do serviço, conforme confessou o operário em sua declaração, que vem demonstrar que cumpri com o meu dever de médico.

A propósito, fórmula é ressaltar que a afirmação de Manoel Batista, de que com poucos meses ficou tuberculoso por culpa das condições de trabalho no Curtume, é de pé. Também ficou de pé a afirmação de que a primeira vez que foi ao consultório do dr. Rabin, este não diagnosticou tuberculose,

embora o trabalhador já estivesse doente.

IMPRENSA POPULAR



A comissão de padeiros em nossa redação

Os vendedores de pão vão se reunir em grande assembleia, no próximo dia 2, no Sindicato dos Padeiros, para discutirem os problemas que lhes estão sendo criados com as modificações feitas pelos proprietários de padarias, tanto no horário de funcionamento dos estabelecimentos como no preço de entrega do pão aos vendedores a domicílio.

Trabalho Escravo Debaixo de Fuzil

180 camponeses em Goiás trabalhando doentes e sob ameaça de fuzilamento — Também perto da capital matogrossense um outro caso de escravidão — Enquanto isso, cincicamente os delegados de Vargas nos congressos internacionais repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

GOIÂNIA, 26 (I.P.) — Dois gritantes casos de existência de trabalho escravo no Brasil acabam de vir a público, como que para desmentir o que vem clamando a delegação de Vargas no Congresso do O.I.T. sobre as exceções das condições de trabalho em nosso país.

Os mesmos tempo que os delegados brasileiros que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

Os delegados que se realizam em Goiânia repetem a desmoralizada calúnia do "trabalho escravo" na U.R.S.S.

CLASSIFICADAS AS SELEÇÕES DO URUGUAI E DA ÁUSTRIA PARA AS SEMIFINAIS



Indio terá hoje a sua grande chance. Baltazar está com uma complicação hepática e o seu posto será ocupado pelo jovem centroavante do Flamengo, que acima é visto com Didi e Pinga que não jogará.

FLAGRANTE

No momento em que escrevemos estas notas, menos de 24 horas separam-nos do momento em que Brasil e Hungria pisarão a cancha da Wankdorf, em Berna, para a disputa do que deverá ser o «match» dos séculos. Confronto de extraordinária significação, entre duas escolas distintas e praticantes de um futebol de alto índice técnico, capaz de entusiasmar ao mais frio dos observadores. Por força de um regulamento «caótico», a Copa do Mundo, a partir de hoje, perderá um dos seus concorrentes mais sérios: ou a Hungria ou o Brasil. Segundo a critica europeia, esta era a final desejável, aquela que reuniria maiores sensações. Infelizmente, porém, por obra e graça de um azar do sorteio, o Brasil joga esta tarde com a Hungria, numa luta de proporções gigantescas, que o nosso público dará tudo para assistir.

Ficaremos aqui de ouvidos colados aos receptores, torcendo de longe, mas ansiosamente por uma vitória dos nossos patrícios, que, conquistada, será um passo decisivo para a obtenção de um título que há muito vimos perseguinto. A jornada será árdua. Não poderá haver facilidade, de modo algum. A chance que nos faltou no compromisso frente à Jugoslávia talvez hoje bafeja o nosso selecionado, colaborando com os «scratches» nacionais. A Hungria já há cerca de quatro anos não conhece o gostinho acre de um resultado menos favorável, por isso que um sucesso dos brasileiros, nesta altura dos acontecimentos, teria um duplo sabor.

O problema de Puskás continua, sem que ainda temhamos a absoluta certeza de que estará ausente da luta. É mais provável, mesmo, que não jogue, porque ainda sente qualquer coisa no tornozelo atingido. Caso a Hungria se classifique para as semifinais, então, já poderá o grande «capitão» magiar entrar em ação, sendo, assim, resguardada para outras jornadas.

E é este o panorama da peleja. Os brasileiros, com a fibra característica dos sul-americanos e os húngaros, dentro do aspecto clássico em que atuam, tergivando armas, num choque de características táticas.

Frente ao Palmeiras o Vasco

EM XEQUE A SEGUNDA COLOCAÇÃO QUE OS ES MERALDINOS, CALHARDAMENTE VÊM MANTENDO — APTO O GRÉMIO DA COLINA A UM GRANDE DESEMPENHO — MATUTINO, O JÓGO DE HOJE — OS PORMENORES

SAO PAULO, 26 (I.P.) — Amanhã pela manhã, no Estádio Municipal do Pacaembu, teremos a partida entre Palmeiras e Vasco da Gama. O encontro deverá agradar ao público bandeirante, não só pelos valores individuais, como também pelas equipes como também pelo denodo com que

BRASIL x HUNGRIA O JÔGO DO SÉCULO

Na maior atração da Copa do Mundo, brasileiros e magiares, em luta de proporções gigantescas, movimentarão o público desportivo de todo o mundo — Puskás e Rodrigues, os ausentes do combate — O choque decidirá a classificação do vencedor — Ellis, uma garantia na arbitragem — Outras notas

BERNA, 26 (Especial para a IMPRENSA POPULAR) — A maior atração desta «V Taça Jules Rimet» terá, o público da Capital suíça, oportunidade de presenciar, na tarde de amanhã, quando defrontar-se-ão, num «match» de suma importância, as representações do Brasil e da Hungria, lutando pela classificação para as semifinais. Será este o cotejo de maior realce, até o momento, da Copa do Mundo, prendendo as atenções do público esportivo de todas as partes. A lotação do Estádio de Berna foi toda vendida, calculando-se em 70 mil o número de espectadores desta batalha.

PUSKAS E RODRIGUES

Ambas as esquadras pisarão a cancha com desfalcques. No lado brasileiro, Ro-

druiges, com o tornozelo immobilizado, estará de fora, sendo substituído por Mau-

rinho, que no último coletivo se revelou em ótimas condições para entrar em ação, a despeito da relevância do embate. E no setor magiar, um desfalque dos mais sérios: Ferenc Puskás, estrela fulgurante da equipe, seu grande «capitão», que também atingido no tornozelo, não poderá atuar frente aos representantes cedenses. O comandante Hidegkuti será o armador do ataque, ficando com Paliotas e centro de ofensiva.

PREPARADOS E DISPOSTOS

Os brasileiros aguardam, repousando, o grande momento de seguir para a luta. A equipe está técnica, física e psicologicamente preparada para o combate árduo, não sendo por esse lado que deixará de colher um resultado auspicioso. Há muita disposição para a batalha, revelando-se os «players» desejosos de querer a longa série invicta dos companheiros de Bozisk.

TUDO PELA MANUTENÇÃO

Dentro, sempre, do seu estilo de moderado, ante qualquer adversário, os húngaros não deixam transparecer quer a preocupação foral de natural, pelo desenrolar de mais este compromisso pelo Mundial. Não obstante a ausência de Puskás, deva refletir-se na produção do quadro (em mais ou menos 10%), esperam os dirigentes magiares que a equipe prossiga em sua séril brilhante de triunfos, transpondo mais este obstáculo no caminho para a conquista almejada do título que está em jogo.

EM BOGOTÁ OLARIA

BOGOTÁ, 26 (I.P.) — No Pacaembu, a Portuguesa impõe-se ao América por 4 a 1. Tentos de Ortega (2), Edmür e Osvaldinho para a Portuguesa. Para o América marcou Alarcón. Cataldi foi o árbitro, sendo a renda de Cr\$ 43.530,00.

PUGILISMO

Será realizada na noite de amanhã, no Palácio de Alumínio, a terceira rodada do Campeonato Carioca de Estreantes. Dez lutas constam da noite de amanhã, a principal das quais reunindo os lutadores Wanderley Campos (do Fluminense) e Antônio Santos (do Vasco), na categoria de pesos pesados.

EM CACHOEIRO O BANGU

Uma equipe mista do Bangu A. C. deverá se exibir esta tarde, na cidade capixaba de Cachoeiro do Itapemirim. Zizinho, nesta oportunidade, será homenageado por torcedores locais.

JOGA HOJE O S. CRISTÓVÃO

TEL AVIV, 26 (I.P.) — O São Cristóvão jogará, na tarde de amanhã, nesta cidade, enfrentando um conjunto local. A equipe siva está disposta a conquistar mais um triunfo em cachaças estanguetas. Saber-se que o time caiete se manteve invicto em 17 jogos, perdendo apenas um.

A formação do São Cristóvão para o embate deverá ser a mesma com que vem atuando, isto é: Hélio; Manfredo e Ivan II; Zé Alves, Severino e Kibon; Geraldinho, Indio, Cabo-Frio, Ivan e Carlinhos.

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuirá pessoalmente a cada

jogador. O «player» que re-

cebeu maior número de mensa-

gens foi Castilho, seguido por

Golinho, que hoje

deverá jogar o seu «scratch».

As mensagens já foram re-

metidas, sendo que Golinho as

distribuir

NOSSAS PEDRAS PRECIOSAS DESAPARECEM NO CONTRABANDO

OS TRUSTES AMERICANOS ESTÃO LIQUIDANDO A INDÚSTRIA NACIONAL DE JOIAS — DIAMANTES QUE SAEM DO NOSSO PAÍS POR PREÇOS RIDICULOS E RENDEM DEPOIS FORTUNAS IMENSAS

Qual a situação na pequena indústria de jóias? Quem investigar sobre esse assunto pode descobrir que enquanto a crise se agrava, maior é a atividade em certos tipos de obras, nas oficinas de ourives. O fabrico de peças de pequeno valor não sofre alteração sensível. Mas as encomendas de jóias caras, de mais de cem mil cruzados, aumentam. Sinal de prosperidade? De modo nenhum. A razão desse aumento é o empenho de evitar que o dinheiro, depositado em Bancos, perca diariamente seu valor, à medida que decrece o poder de compra do cruzado, dentro do país e principalmente no estrangeiro. Trata-se, como demonstraremos nessas notas, de uma prosperidade tortuosa.

HISTÓRIA DE TESOUROS

Os velhos contos, as histórias de tesouros, que formam vasta literatura, pertencem à vida real brasileira. Em nosso subsoil há riquíssimas jazidas de ferro, petróleo, carvão, manganes, ouro e outros minerais. Verdafeira organização internacional, dirigida pelos americanos, interfere na exploração dessas riquezas, as quais se refere, em suas primeiras palavras, o Programa do Partido Comunista. Em nossas minas se encontram as mais valiosas pedras preciosas. Têm essas pedras a atualmente uma dupla influência. Para os garimpeiros representam um trabalho de muros. Para os que exploram as minas e os garimpeiros representam

fortunas incalculáveis.

MERCADO INVADIDO
Os trustes americanos lançam no nosso mercado diamantes de procedência africana e de outros recantos do mundo que aqui já entram lapidados. Visam, com isso, estrangular a nossa indústria de lapidação, o que praticamente já conseguiram, lançando ao desemprego perto de 25 mil trabalhadores. Só no Distrito Federal havia mais de 300 oficinas de lapidação que atualmente estão "juzeladas a metade". Visam ainda: desmoralizar o nosso comércio de jóias e acaparar os diamantes encontrados em nossa terra que mandam lapidar em Amsterdam ou Antuérpia e também empregá-los em suas indústrias, por serem os maiores do mundo.

EXPORTAÇÃO

Os nossos diamantes desapareceram no contrabando dos trustes, de forma alarmante. Na exportação das pedras, infima percentagem é feita oficialmente, assim mesmo por preços irrisórios. Em 1953, segundo cálculo do técnico abalizado, os Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Piauí, Pará, Bahia, Paraná e o Território de Rio Branco

produziram 167.000 quilates de diamantes. Entretanto nos dados oficiais da exportação só figuram 20.268 quilates. Os restantes 146.734 quilates desapareceram na voracidade do contrabando. Além disso, os avaliadores do Serviço das Rendas Internas estipulam preços absurdos para as gemas que posteriormente nos Estados Unidos atingem somas astronômicas. Para citarmos mais um exemplo, só no ano de 1948, a exportação oficial de diamantes brutos foi de 75.019 quilates, por Cr\$ 21.164.814,90, o que dá menos de 300 cruzados por quilate, preço esse pago geralmente por pedras ainda mais inferiores.

E sabido que a totalidade das lavras diamantíferas da em média geram diamantes de 0,50 quilates para cima. Isto significa que os trustes americanos estão adquirindo pedras de alto valor como sendo de qualidade inferior, mancomunados com os avaliadores do governo e toda uma quadrilha de inimigos do nosso povo. Isto quando a rapina é feita oficialmente, pois no contrabando podemos afirmar de fonte segura, os trustes levam diariamente do nosso país diamantes no valor de 5 a 6 milhões de cruzados.

Um caso típico e o dia-maneira chamado Getúlio Vargas. Como já foi noticiado, os garimpeiros, que acharam a pedra, venderam-na por 250 mil cruzados. Daí passou para as mãos do sr. Osvaldo Dantés por 2 milhões e 900 mil cruzados. Foi então vendida por 5 milhões, anexar aos oficiais do Serviço das Rendas. Internas terem avaliado a jóia em apenas 800 mil cruzados. Pouco tempo depois a pedra era vendida extra-oficialmente à firma Harry Wulston, de Nova Iorque, por 14 milhões de cruzados. Esse diamante depois de trabalhado deu por volta de 30 pedras que rendiam 100 milhões de cruzados.

PREJUIZO PARA OS BRASILEIROS

Os lapidários e negociantes brasileiros de pedras preciosas, em geral, não se conformam com a invasão do nosso comércio de jóias e o estrangulamento da nossa indústria de lapidação, tanto se manifestado contra o plano Aranha, um dos responsáveis por essa situação. Por sua vez os joalheiros encontram dificuldades, para atender as encomendas, em confeccionar encomendas de diamantes puros e brancos que são encontrados em nossas lavras. Isto acontece porque os negociantes de pedras, na realidade, não são prejudicados pelas discriminações do plano Aranha, preferem o contrabando fomentado pelos magnatas que assim despendem menor quantidade de dólares para adquirir as pedras duramente arrancadas do nosso solo.



Oficina de lapidação em franca atividade. A pressão do imperialismo americano está estrangulando essa indústria em nosso país. De 300 oficinas, que existiam no Distrito Federal, restam apenas meia dúzia. Em todo o nosso país foram ladrados ao desrespeito perto de 25 mil lapidários.

10 MILHÕES PARA ELEGER OS PATRIOTAS

Arrancada Inicial: Começar o 1º De Julho Com Grande Arrecadação

Candidatos, comissões e cabos eleitorais lançam-se com entusiasmo patriótico à campanha dos 10 milhões — Comissões de jovens, previdenciários e ferroviários, assumem compromissos — Vila e Tijuca, unidas, desafiam toda a zona sul — Grande procura de "cheques"

A campanha de «10 Milhões para Eleger os Patriotas e Derrotar os Entreguistas», cujas bases lançadas ontem ao noticiar a «arrancada do dia 1º», encontrou profundo êxito entre o povo e os trabalhadores. A procura de «Cheques» da campanha tem surpreendido a própria Comissão Central, que já previa uma grande receptividade para a campanha.

DEFASADOS

O grande concurso instituído na campanha, com faráta distribuição de prêmios, incentivou candidatos, cabos e postos eleitorais a fazerem desafios amistosos. Os previdenciários comprometeram-se a cobrir 10 mil cruzados

mirim esta responsabilidade, de desafiam os bancários a que, de público, cobrissem a mesma quantia, na mesma base.

Uma comissão de trabalhadores da Light, membros das comissões que patrocinam as candidaturas de Ellna, Mochel, Arcélia, Enoch, Paulo, Cesar e Geraldo, uniram-se e desafiam os marinhos para ver quem apreenderá a melhor resultado na «Arrancada do dia 1º». Outra entusiástica e ruim comissão de jovens afirmou, em nossa redação, que facilmente superariam as comissões femininas que patrocinam as candidaturas de Ellna, Mochel, Arcélia, Enoch, Goto e Clotilde Prestes.

VILA E TIJUCA UNIDAS

Ainda no terreno dos desafios para a «Arrancada do dia 1º», Vila Isabel e Tijuca concorrem um pacto de ação comum, unindo todas as suas comissões, para superar a Copacabana, Leblon, Leme, enfim, toda a zona sul. Por outro lado, dois gigantes defrontaram-se nos subúrbios: a zona da central, com suas poderosas comissões, afirma que os patriotas da Zona da Leopoldina, junto com seus candidatos, não serão capazes de superar os resultados até às 22 horas do dia 1º de julho, na sensacional arrancada.

TAMBÉM OS CANDIDATOS

Conscientes da responsabilidade de trazer a luta para derrotar os entreguistas, os candidatos populares já se encontram à frente dos seus postos e comissões, em grande movimentação. Francisco Chermont, Rui Guimarães, Clotilde Prestes e Henrique Miranda estarão na zona sul com seus correligionários, no dia 1º. Antenor Marques, Roberto Moreira e José Jaime Gomes, todos marceneiros, estarão no centro da cidade; José Lellis da Costa, Jarbas Gomes Machado e José Ramos, metalúrgicos, percorrerão as empresas metalúrgicas situadas na Leopoldina. Enfim, os candidatos, com suas comissões, percorrerão todos os bairros e empresas.

TAGA 5 DE JULHO:

O primeiro dia após a divulgação da campanha dos 10 milhões foi um justo reflexo da compreensão que reina entre o povo e os trabalhadores de que é necessário desenvolver um grande esforço para derrotar os entreguistas e eleger os patriotas. Que os órgãos legislativos do país tenham maioria de patriotas, esta é uma exigência de todos a nação. Os entreguistas contam com total apoio da máquina governamental, negócios escusos e financiamento das empresas americanas para movimentar a campanha eleitoral. Os patriotas, ao contrário, só contam com o povo e por isso, todos se lançarão no dia 1º de julho, na conquista da Taga 5 de Julho que significa a primeira arrancada para derrotar os inimigos do povo na batalha eleitoral.

POSTOS ELEITORAIS dos Candidatos Populares

DISTRITO FEDERAL

Centro

POSTO CENTRAL — Av. Treze de Maio, 23-19*, salas 1905/4 — tel. 32-8696.
FUNCIONARIOS MUNICIPAIS — Av. Presidente Vargas, 446-600, andar, sala 601.
CENTRO — Rua Visconde de Rio Branco, 16-sobrado.
CENTRO — Av. Rio Branco, 115-83 andar. Grupo 901, sala 4.
SAOJO — Rua Silvino Montenegro, 98.
ESTACAO DE SA — Av. Presidente Vargas, 203-sobrado — tel. 52-0281.
SANTO CRISTO — Rua Santo Cristo, 221.
CATUMBI — Rua José de Alencar, 61, sala 2.
VILA ISABEL — Rua Perere Nunes, 77.

Zona Sul

BOTAFOGO — Rua Voluntários da Pátria, 334.

Zona da Central do Brasil

CAMPANHA GRANDE — Rua São Joaquim, 166 (Vila Nova) INGENHO NOVO — Rua Frei Fabiano, 255.
BARRIGUDO DE ALBUQUERQUE — Rua Cláudio de Melo, 669.
CASCADURA — Rua Silviano, 564.
DECORO — Rua Operário, 7.
REALENG — Rua Marechal Joaquim Inácio, 234.
RICARDO DE ALBUQUERQUE — Rua Beberibe, esquina com Rua Alcântara.
SAO CRISTOVÃO — Rua São Cristóvão, 270.
BANGU — Rua Sul-América, esquina com Estrada do Retiro.

Zona da Leopoldina

PARADA DE LUCAS (Favela) — Quadra G-18.
VIGARIA GERAL — Rua Otávia, 31.
BONIFACIO — Avenida dos Democráticos, 770.
PENHA (Favela) — Rua Operário, 8.
RAMOS — Rua Gerson Ferreira s/n. (em frente ao Balneário).
PENHA — Rua Otto n. 7.
OLARIA — Rua Panamby.
CIRCULAR DA PENHA — Rua Lobo Júnior, 1982.
CORDOVI — Rua Barão de Melgaço, 404.

Auxiliar e Rio D'Ouro

PILARES — Rua Djalma Dutra, 39.
PAVUNHA — Estrada da Pavuna, 435.
MARCHA DA GARRA — Rua Visconde de Azambuja, 1269.
VICENTE DE CARVALHO — Estrada Vicente Carvalho, em frente a Standard Electric.
IRAJA — Rua K-24 (Conjunto do I.A.P.M.).
JARDIM GURGEL — Rua Prof. José Alberto, quadra 57 — Jardim Santo Antônio.

Ilhas

ILHA DO GOVERNADOR — Estrada da Ponteira, 378.

MUDOU O TRAFEGO EM BOTAFOGO

O diretor do Serviço de Trânsito assinou edital determinando um só curso de direção para veículos em geral, na Travessa Tambo, no sentido da Rua Senador Vergueiro para a Rua Miqueias de Abrahão.

INAUGURAÇÃO DE POSTOS ELEITORAIS

Hoje, na Favela da Saude, será instalado mais um posto eleitoral pró-Clotilde Prestes. O ato está marcado para as 10 horas.

— 0 —

Hoje, na Rua Uruguaiana, lota 14, Bairro de Olavo Bilac, em Caxias, será oferecido um lauto almoço aos candidatos populares do município.

— 0 —

Hoje, na Rua Batista das Neves, 33, instala-se o posto eleitoral pró-Othon Cordeiro de Santana. A solenidade marca para as 10 horas contará com a presença de motoristas e trocadores.



Sondagem para descobrir o cascalho diamantino. Uma vez localizado o veio, são feitas então as escavações. Dali os cascalhos são lavados no rio.

Unificada em São Paulo a Luta Pe'a Aplicação do Salário-Mínimo

Importante reunião realizada ontem entre federações e sindicatos de São Paulo — Assembleias em tódas as organizações operárias

SÃO PAULO, 26 (I.P.)
Sindicatos operários de todo o Estado e Federações sindicais reuniram-se hoje no Sindicato dos Bancários, resolvendo unificar as campanhas paralelas que estavam promovendo, pela aplicação do salário-mínimo e consolidação dos preços importados, interesses conjuntos, tornando-as mais eficientes. As duas delas já combinadas no Pacto assinado entre os sindicatos do Rio e de São Paulo.

SOLIDÁRIOS COM OS MARCENEIROS EM GREVE

O Sindicato dos Marceneiros recebeu ontem o seguinte telegrama:

«Os delegados das entidades sindicais do Estado de Espírito Santo ao II Congresso Regional de Previdência Social, reunidos em sessão plenária, enviam aos marceneiros do Distrito Federal a sua solidariedade na luta em que estão empenhados por melhores salários. O sindicato dos Marceneiros recebeu ontem o seguinte telegrama:

NOVAS FEIRAS LIVRES

O secretário geral da Agricultura instituiu mais seis novas feiras-livres nos seguintes locais: Avenida Epitácio Pessoa-Jpanema; Avenida Automóvel Clube — Estação de Colégio; Praça Frei Luiz Murat — Estação Frei Miguel; Praça Prof. Pinheiro Guimarães — Tijuca; Conjunto Residencial do IAPC — Irajá; Rua Capanema — Ilha do Governador — Conjunto Residencial da IAPE.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar cabalmente que demonstram a revolta da classe operária ante o golpe sofrido e sua disposição de repeli-lo com luta.

Enquanto isso, outras corporações já estão em assembleia permanente, desenvolvendo seus esforços já no sentido de assegurar a concordância da dia 1º no Sindicato dos Texteis, com o comprometimento de demonstrar

RIO, 27 de junho de 1954
ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Neste
Suplemento

“M E D O”
Poema de E. Carrera Guerra
NA PÁGINA CENTRAL

★
7 DIAS DE CINEMA ITALIANO
NA 7ª PÁGINA

★
CANGAÇO &
BOMBA ATÔMICA
A. Bulhões
NA 2ª PÁGINA

★
Duas Opiniões sobre
Subterrâneos Da Liberdade
NA 8ª PÁGINA



Gravura de Juan José Farfán
(ARTISTA GUATEMALTECO)

EM DEFESA DA CULTURA GUATEMALTECA

Neste momento histórico, em que a brutalidade yankee assola a Guate-

mala, o pequeno país centro-americano que ousou opôr-se ao vandalismo imperialista, os intelectuais brasileiros, como os intelectuais de todo o mundo, precisam erguer sua voz de protesto, unir-a a todas as outras vozes que se estão elevando em defesa do país irmão. Principalmente porque ai, nessa terra, quase lendária hoje, do quetzal e da reforma agrária, as balonetas norte-americanas colocam também em perigo uma cultura que principia a erguer-se.

Foi com a derrota do ditador Jorge Ubico, foi com o movimento iniciado há oito anos que um romancista do porte de Miguel Angel Asturias pôde publicar livremente seus livros e dar-nos romances como «Viento fuerte» e «El señor presidente».

Até 1946 a cultura era considerada, na Guatema, alguma coisa de terrivelmente perniciosa. Toda uma geração de universitários precisou refugiar-se no México, a fim de poder estudar e colar grau superior. As companhias líricas que que percorriam o continente passavam por cima daquele solo formoso e convidativo, cerrado para elas. Os concertistas, embora se tratasse de Artur Rubinstein ou Claudio Arrau, conheciam da terra apenas o aeroporto, de passagem, como se fossem perigosos elementos, nocivos à segurança interna. Vivia-se a época em que um ditador mandou arbitrariamente alterar os resultados do censo, aumentando a população de um milhão de habitantes, para sentir-se assim mais poderoso, mais dominador. Em que seus auxiliares imediatos aprendiam a guiar motocicleta

porque aprazia a sua excelência andar com eles pelas estradas, dando curvas emocionais, cada qual montado no seu veículo. Em que só se entrava no onário presidencial utilizando chinelas especiais, como quem percorre museus preciosíssimos. Em que ninguém podia ter segurança quanto ao futuro de uma filha bonita. Por divertimento, os habitantes da Guatemala conheciam as piores películas norte-americanas e as casas de prostituição, abundantes. Por leitura, embalavam-se nas novelas policiais. Existiam então, na Capital da República, homens e mulheres de trinta anos de idade que não se lembravam de ter jamais ouvido falar de uma representação teatral em seu próprio país! Pairando sobre tudo isso, a sombra asfixiante da United Fruit Co., dominando plantações, alamedas, estradas de ferro, energia elétrica, bancos. Dominando a vida inteira do país, dona de bens e pessoas.

Um dia, porém a alma do povo, sufocada por mais de duas décadas, revoltou-se, expulsou do poder os homens, indignos dêle, que o detinham, e exigiu vida nova. Não queriam, noutras camponeses indios de olhar impassível e andar apressado, não queriam absurdos ou milagres. Apenas reclamavam, e com elas a unanimidade da população, o direito a existir.

samento e de expressão. Luis Cardosa y Aragón voltou a tirar sua esplêndida

(CONCLUI NA 2ª PÁGINA)

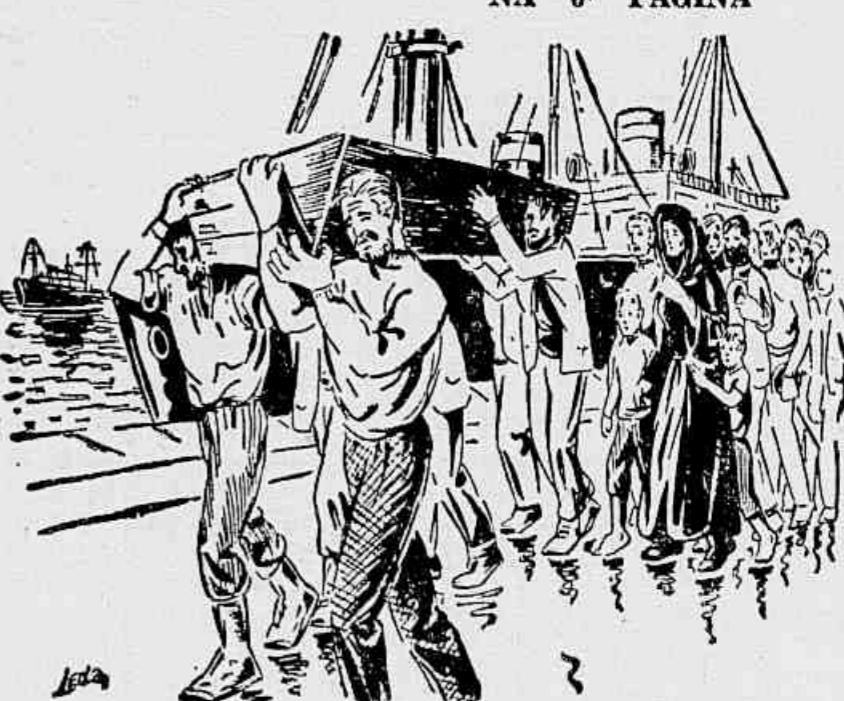
O Sucesso de
«DONA XÉPA»

ALDA GARRIDO explica:
UMA PEÇA FIEL AO PVO

DONA XÉPA É CONTRA A GUERRA
ENTREVISTA NA 2ª PÁGINA

«REBELIÃO DO PÔRTO»

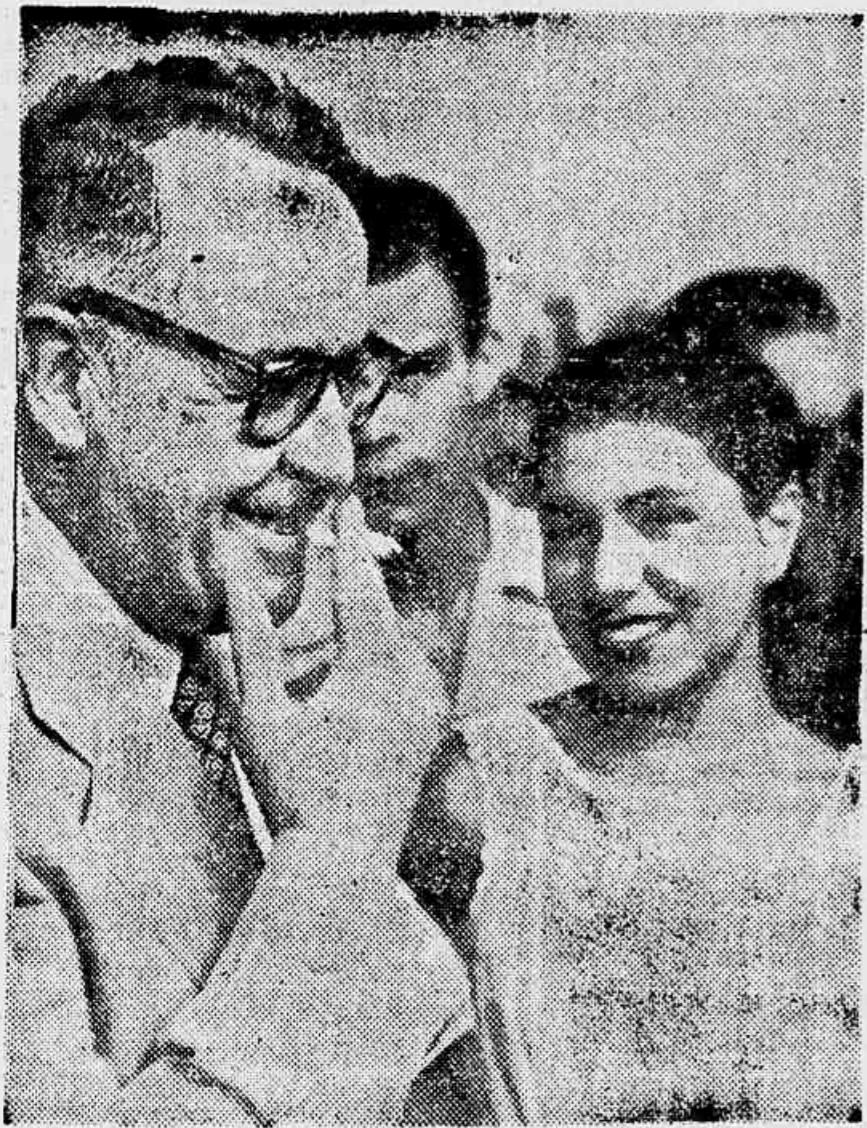
Conto de A. SAHIA
NA 6ª PÁGINA



Desenho de LEDA

A COMPANHIA DRAMÁTICA NACIONAL
FARSA DEMAGÓGICA
NA PÁGINA CENTRAL

CAVALCANTI EM MOSCOU



O cineasta brasileiro Alberto Cavalcanti, atualmente na Europa, participou da reunião do Conselho Mundial da Paz, em Viena, de onde seguiu, para a União Soviética. De volta a Moscou tomou parte, a 17 último, em Estocolmo, do Encontro Mundial Pela Redução da Tensão Internacional. Seu filme «O Canto do Mar» será exibido no VIII Festival de Cinema de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia. (No cliché, Cavalcanti e Vanja Orico durante o I Congresso Nacional de Intelectuais).

ÓPERA POPULAR NA TCHECOSLOVÁQUIA
(na Página central)



Alda Garrido encenando "Dona Xépa"

ALDA GARRIDO FALA SOBRE «DONA XÉPA»

EM 1953 dizíamos num comentário: «Dona Xépa» pelo seu cunho popular deverá ficar por muito tempo em cartaz. Acertamos no nosso prognóstico. Eis que a peça de Pedro Bloch alcançou 400 representações e iniciou sua carreira para a casa das 500, batendo todos os «records» do teatro de comédia.

O Teatro Rival enche todas as noites. Os intérpretes ficam felizes por serem prestigiados pelo público e este é brindado com duas horas de emoções seguidas.

HOMENAGEM

Em dias da semana passada, Alda Garrido foi homenageada pela crítica especializada que fez inaugurar uma placa na sala de espera do teatro da

"UM FLAGRANTE DA VIDA CARIOCA" — IREMOS A S. PAULO, AINDA ESTE ANO — O POVO NÃO QUER GUERRAS — ENTREVISTA COM ALDA GARRIDO — Milton de Moraes Emery

Rua Alvaro Alvim firmando no bronze este sucesso ímpar, que é «Dona Xépa».

Nessa ocasião, entre outras coisas, a querida comediante teve oportunidade de dizer:

«Não há nada melhor do que representar autores brasileiros. É verdade que temos boas tradições, mas nada como representar o que é nosso como a Xépa, por exemplo.»

A CRÍTICA ESTIMULA O ATOR

Solicitamos a Alda Garrido uma entrevista. Ela assim começou a falar:

— Em primeiro lugar agradeço o artigo do dr. Irvin Santana sobre «Dona Xépa». Tocou-nos profundamente, a mim e ao Garrido. Fiquei muito emocionada com as palavras sinceras do articulista da IMPRENSA POPULAR. Os artistas precisam desse incentivo. E assim que eles sentem que seu trabalho não é improíscuo. Sentem que estão sabendo viver seus papéis e transmitir ao público suas alegrias ou tristezas.

UMA PEÇA POPULAR

— A que atribui o imenso sucesso que vem alcançando a peça de Pedro Bloch?

— Atribuo ao «flagrante» da vida carioca, que o autor soube tomar. A Xépa é o exemplo da vida sacrificada de um número imenso de mulheres que ante as imensas derrotas numa vida sacrificada e ingrata põem a sua única esperança de reviver na conduta reta de seus filhos. A vida de «Dona Xépa», essa mulher do povo, uma feirante, é um flagrante da vida atual, tão cheia de lutas e tão magra de compensações.»

REAÇÕES DO PÚBLICO

— Em quais passagens o público reage com mais intensidade?

— Assinalarei duas. A primeira quando a filha de dona Xépa, interpretada por Samaritana Santos, recusa-se a levá-la a uma festa porque a mãe é de condição humilde. A Xépa, tão humana, tão franca, tão ingênua, custa a compreender a maldade, a falta de caráter de sua filha. Quando ela percebe o que se passa realmente vêm lágrimas aos seus olhos. Há lágrimas, também, na platéia.

«A segunda passagem que assinalo é a do ato final quando a Xépa exorta seu filho, um cientista, a não aplicar seus co-

nhecimentos na feitura de instrumentos mortíferos. Ela quer ser cumprimentada pelas outras mães do mundo inteiro com respeito e carinho. Quer dizer a todo mundo que foi seu filho Edison quem inventou máquinas e engenhos para contribuir para a felicidade do homem. Não quer saber de ódio, de «despacho» na sua porta, porque seu filho contribui para a miséria do mundo, quer amor, canto, alegria.

NOVA PEÇA?

Perguntamos, então, se a comédia de Pedro Bloch iria permanecer no cartaz durante toda a temporada de 1954.

Alda Garrido, assim respondeu:

— Acho. Melhor do que eu, porém, o autor pode dizer. Mas de qualquer modo sinto que é uma verdadeira infelicidade saber que amanhã poderá haver uma guerra que acarretará a destruição de todas as grandes coisas que construímos. Que Deus nos livre de haver guerra. Como mulher, como artista que sou, creio que é uma verdadeira desgraça um novo conflito armado que com os novos armamentos assumiria proporções espantosas. O povo não necessita de guerras. O povo quer trabalhar, as mães e os pais querem escutar para seus filhos, alimento, calma para suas vidas.

Nada como a compreensão, o trabalho e a aproximação fraternal dos homens.

Em Defesa da Cultura...

revista, anteriormente feita no exílio. Os jovens uniram-se no grupo conhecido pelo nome de Saker-Ti, promovendo edições de livros, atuais e passados, importantes para o desenvolvimento das artes e letras nacionais. Fundou-se a Casa da Cultura.

Toda a nação ressuscitou. Hoje, no pequeno país centro-americano, o quetzal — o lindíssimo pássaro que morre quando o engaiola — tornou-se um símbolo querido. A uma feira de livros, monumental, sucedem-se os concursos — de contos, de poesia, de gravura, de óleos a que não só guatemaltecos estão concorrendo, mas também escritores e artistas de outras nações centro-americanas. O Ministério da Educação lança obras importantes, criteriosamente selecionadas. Os filmes europeus surgiram nos cinemas, o Congresso votou a verba necessária à criação de uma Companhia de Comédia, que incluiu no seu repertório Cervantes e Molière. Hoje, a Guatemala tem um museu arqueológico respeitável, englobando exemplares raros de arte maia, quiché, inca e asteca, um museu organizado e bem feito, a que se dedica enorme carinho. O governo voltou-se para os problemas econômicos, sérios e profundos, mas não se esqueceu do resto. Qualquer iniciativa que tenha por objeto melhorar o nível educativo e cultural existente merece estudo esmerado e recebe o máximo apoio possível. Pois é a Guatemala de hoje que um grupo de guatemaltecos, venais, indignos invadiu,

por instigação patente, acintosamente confessada, do Departamento de Estado.

Os intelectuais brasileiros sabem muito bem o que representarão, se ocorrer, a vitória das forças militares invasoras. A Guatemala voltará aos tempos medievais de Estrada Cabrerizo e Ubico, esmurrada qualquer manifestação da inteligência, revivida a época de fronteiras herméticamente fechadas, de sanha e loucura ditatorial, de império da banana, para usarmos a expressão amarga de Carlos Luis Fallas. E os intelectuais brasileiros também não podem, sob pena de estarem traíndo princípios essenciais à existência da própria cultura brasileira, deixar de unir sua voz a outras vozes que se levantam para defender a Guatemala, que a brutalidade yankee pretende esmagar.

"A ROSA DOS VENTOS", NOVO LIVRO DE MIÉCIO TATI

Com o selo da Livraria José Olympio Editora circulará nos primeiros meses de 1955 o novo romance de Miécio Tati, "Rosa dos Ventos". Alguns capítulos desta obra foram recentemente divulgados pela revista "Têmario". O novo livro do autor fluminense marca um seguro avanço sobre o anterior ("Nossa Máxima Culpa") destacando-se Miécio Tati dentre os novos romancistas brasileiros pelo sentido de aguda observação, amadurecimento de estilo e riqueza da língua literária.

Cangaço & Bomba Atômica

ANTONIO BULHÕES

A última peça da Companhia Dramática Nacional, este ano, foi «Lampeão», de Raquel de Queiroz. Peça mal construída e muito bem dirigida: Bibi Ferreira brilhou de novo, segura como sempre, dando excelente rendimento a cenas e intérpretes (em sua maioria) fracos. O texto gira sobre as figuras hoje lendárias de Lampião e Maria Bonita, desde o momento em que se uniram até a morte de ambos. Assunto, como se vê, caro à nossa sensibilidade: a história do cangaceiro famoso chegou aos mais longínquos recantos do Brasil e aqui mesmo, no Rio de Janeiro, houve tempo em que a vivemos, apesar da distância, com intensidade próxima à das populações de Recife ou de Joazeiro, por exemplo. Assunto de que uma pena dotada de maior profundidade teria arrancado uma das melhores obras dramáticas da literatura brasileira. Pois o que forma algo anômalo os dois atos da autora de «O Quinze» é precisamente sua incapacidade de ir à raiz do fenômeno do cangaço, é a apresentação falsa que lhe dá, assim como um fato abstrato, flutuando no espaço, desvinculado de uma realidade social impossível de negar.

Maria Bonita oferece-se a Lampeão que a toma para companheira. Vivem ambos no sertão vários anos, no decurso dos quais ele mata, assalta, rouba, oferece trégua e divisão territorial ao interventor de Pernambuco, e acaba quase sózinho, o bando tocado. Os amantes morrem juntos, abraçados, das balas da polícia, que os surprende no esconderijo em que se encontram. A preocupação máxima da peça é definir a personalidade do bandido, apresentando-lhe as reações, em cenas sucessivas, ante situações distintas que atravessa o julgamento dos comandados suspeitos de haverem assassinado um de seus irmãos, o mano que o enfrenta, o outro que lhe tenta a mulher, o desafio ao governo estadual, as derrotas infligidas à quadrilha. Ao longo do texto, como que lançados, um após o outro, os elementos característicos de seu caráter - a desconfiança, a prepotência, a autosuficiência, a coragem. Quando o espectador tem a impressão de que o protagonista, embora com excessiva lentidão, está fixado dramaticamente, faltando sómente a trama em que sua conduta ressaltará o traço fundamental do tipo criado, — a peça acaba, com a morte do casal. Fica-se no ar, entre o cansaço do delineamento lento demais daquela personalidade, e a pena de vê-la desaparecer no momento em que principiava a adquirir vigor.

A obra tem a caatinga por cenário. Depois de "Seara Vermelha" bem sabemos os mistérios que as terras

agrestes, os arbustos mirrados escondem. Raquel de Queiroz, porém, sufoca (e deve fazê-lo voluntariamente pois conhece bem o assunto) o riquíssimo lastro existente sob as ásperas roupas de couro, a realidade palpável que aquelas vidas nômades simbolizam. O cangaço, como tópico fórmula de banditismo, têm causas determinadas e determináveis. Aqui e ali desponta num diálogo a afirmativa de que o capitão Virgulino Ferreira vingava os pais chachinados, aqui e ali refere-se à existência do padre Cicero, de Antônio Conselheiro. Nunca, entretanto, a autora tenta sequer delinear uma ligação entre essas manifestações místicas e vandálicas, individuais e coletivas, e o latifúndio, a exploração semi-feudal do campo, a monocultura. Não

«Dona Xépa» completou quatrocentas representações e o fato merece referência especial. Não se trata de uma peça notável, de altíssimo valor dramático, a elevar-se muito acima do nível habitual de nosso teatro. Mas é, sem dúvida, uma das raras obras que se tem produzido no Brasil refletindo aspectos concretos da realidade brasileira, apresentando tipos autênticos, tipos que encontramos dia-a-dia, bem situados e definidos, esboçando situações que tocam diretamente o coração da platéia. E transmitindo uma vibrante mensagem de paz e amor à humanidade, de flagrante condenação ao emprego de armas destruidoras, da bomba atômica, da bomba de hidrogênio, da bomba de cobalto.

Neste sentido, Pedro Bloch lavrou um tento. Soube explorar as reações dos personagens — o orgulho ignorante da velha e sua revolta final, a atitude desagradável da filha. E se alguns tipos, o próprio inventor, por exemplo, revelam pouca densidade, isso não chega a prejudicar seriamente o conjunto. Louva-se também Alda Garrido, cuja interpretação demonstra que bem e profundamente sentiu a intenção do autor. Moradora de vila, feirante e mãe, Dona Xépa está sempre dominando o papel. Que a peça, com tal sentido e tal elenco, continuou vitoriosamente o caminho até agora trilhado.

CARTA A JORGE AMADO

Nair Batista

Jorge, caro companheiro:

Muito pensou eu antes de escrever-te essa carta. Era mesmo meu propósito escrever sóbre o teu livro um artigo para o nosso jornal. Mas, à medida que se iamcedendo as páginas lidas, meu propósito ia sendo, ele também, modificado. Não, não escreveria um artigo; escreveria um poema; bem, o poema também não o poderia escrever. Então, falaria sóbre a tua nova experiência literária, este romance cílico, primeiro fruto do realismo socialista aplicado nas condições do Brasil. Citaria «Os Comunistas» de Aragon, e «A nona onda» de Ehrenburg. Depois, mostraria como te colocaste, com o teu «Subterrâneos da Liberdade», entre os maiores escritores progressistas contemporâneos. Em seguida, faria comparações, mostraria a grandeza do tema que abordaste e a mesquinharia sordidez de alguns outros escritores, cujos títulos enchem os suplementos literários. Enfim, como te disse no início desta carta, mil projetos fiz eu.

Mas, Jorge, todos os meus projetos ruiram, quando a primeira lágrima embaçou o brilho das palavras lidas e quando minha sensibilidade se aguçou e mostrou-me ser eu, antes de outra qualquer definição, apenas uma simples mulher, semelhante a tantas outras, precisamente semelhante às que povoadam o teu livro e o nosso mundo, com sua inexpugnável certeza de um futuro melhor e, que se amparam em suas dôres e em sua luta, na força que lhes vem do povo e desse gigantes que o conduzem, os companheiros que nos dirigem.

Jorge, caro companheiro, à medida que as páginas de teu livro se vão sucedendo e que as figuras femininas dele vão saltando, convidando-me a interrogá-las, desvendando-se em toda exuberante plenitude de audácia, simplicidade e fé na causa por que dão a vida, eu vejo não me ser possível escrever-te em meu único nome. E' dever meu falar-te como mulher brasileira porque, todas nós, Jorge, tu bem o sabes, somos um pouco a Maria, companheira de João, a negra Inácia com seu negro Doroteu, Manuela conduzida numas das mãos um filho morto e na outra a esperança de um filho que viverá.

Todas nós, Jorge, te somos gratas, porque o teu livro é o livro de nossas vidas, tão caluniadas mas tão heróicas, na silenciosa e humilde atitude com que nos apresentamos diante do nosso povo, no árduo cumprimento de um dever que juramos defender, porque nêle acreditamos e a ele demos o que de melhor em nós habita.

Na história de nossa pátria, Jorge, tu bem o sabes, são poucas ainda as mulheres que a enchem de beleza com o heroísmo de seus feitos. São poucas mas são grandiosas. Não falarei aqui daquelas primeiras irmãs dos primeiros tempos de nossa vida como nação. Lembrarei aquelas que pertencem aos nossos dias, Angelina ou Zélia, mortas ambas, uma com seu filho no ventre e assassinada na praça do povo e a outra morta sob a bandeira que é nossa e vamos defendê-la hoje, como ontem e como amanhã defenderemos.

Jorge, quem te escreve não é a tua amiga, são, antes, todas as tuas amigas e companheiras. Digo-me: nunca, até hoje, nenhum escritor brasileiro conseguiu, com tamanha fidelidade, retratar em toda a sua beleza, a mulher de nossa terra, em suas mil preocupações cotidianas, sua formação psicológica, sua bondade, sua compreensão dos problemas que afligem a todo o povo. Por outro lado, Jorge, tu sabes como somos caluniadas. Sobre nossos nomes de combatentes caem os mais indignos opróbrios. Sabes que alguns senhores, que passam pelas páginas de teu livro, esses senhores de lares respeitáveis e proles duvidosas, lançam sobre nós os seus jornaais e seus esribas. Mas a nossa vida de trabalhadores continua desafiando as iras e os amores dos poetas como Shopel, dos debochados como o Paulo.



DUAS OPINIÕES SÔBRE "SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE"

«Subterrâneos da Liberdade», o novo romance de Jorge Amado, é o grande acontecimento do ano na literatura brasileira. O êxito editorial repete-se na Polônia e Tchecoslováquia, onde o livro já foi lançado. No Brasil as duas primeiras edições saíram simultaneamente, repercutindo entre os intelectuais e o público leitor.

Atendendo à importância desse livro, que traz novos temas para o romance, o Suplemento de IMPRENSA POPULAR abre suas colunas para transmitir a opinião de críticos, estudiosos da literatura e dos leitores. Com este propósito divulgamos hoje as duas opiniões seguintes:

UM GRANDE LIVRO DE JORGE AMADO

Francisco de Paula CHAGAS OLIVEIRA

Acaba de surgir o novo livro de Jorge Amado, «Os Subterrâneos da Liberdade». Trata-se do primeiro de uma série de três romances, denominada pelo autor «O Muro de Pedras», em que focaliza as lutas do povo paulista de 1937 a 1940, durante o Estado Novo de Vargas.

Trata-se, em nossa opinião, do maior romance do grande romancista do povo. E, o que é mais importante, sua leitura — apaixonante de princípio a fim — indica com clareza que Jorge Amado não se satisfaz com os êxitos e trabalha sempre no sentido de produzir mais e melhor.

A grandeza do livro, porém, não o exime de certas falhas. E' o que procuraremos mostrar, nesta modesta opinião, destacando, ao mesmo tempo, o que existe de grande em «Os Subterrâneos da Liberdade».

O autor não faz apenas romance. Também faz história. A trama desenvolve-se no velho São Paulo da «aristocracia dos 400 anos» e das grandes lutas operárias. Não obstante, Jorge julgou-se com o direito de fazer a transposição de certos fatos históricos, como a greve dos trabalhadores de Santos contra Franco, deslocada de 1946 para os primeiros tempos do «Estado Novo» e que, a nosso ver, não era necessário para destacar a resistência de nosso povo ao fascismo de Vargas.

Um grande mérito do livro consiste em que o autor saiu do realismo crítico e do revolucionário um tanto esquemático de «Seara Vermelha», soube mostrar, sem artifícios, o rumo dos acontecimentos. Mesmo quem não conheça a história do Brasil nestes últimos anos, após a leitura de «Os Subterrâneos da Liberdade» terá uma certeza: o povo liquidará o «Estado Novo» de Vargas.

Mas Jorge Amado foi mais adiante. Plea primeira vez no Brasil levou para o romance o papel histórico-dirigente da classe operária na luta pela liberdade e um futuro melhor para nosso povo.

A leitura do romance duas coisas saltam logo à duas coisas saltam logo à vista: a podridão das chamadas «élites dirigentes», sua cenialidade e falta de patriotismo de um lado e, de outro, o heroísmo patriótico da classe operária e dos comunistas, na sua missão histórica libertadora.

O romancista dá-nos ainda um quadro impressionante da situação social e nacional do Brasil. Mostra o que é o estilo de vida lanque da burguesia paulista, sua corrupção e cinismo. Marita Vale, Paulo, Bertinho Soares, o banqueiro e outras personagens, na sua degradação, são becos-simbolos da «aristocracia dos 400 anos» agonizante, que se alia aos aventureiros e «novos ricos» e que busca na situação de laclos do opressor estrangeiro um meio de manter os seus odiosos privilégios, a sua condição de classe. Jorge faz ainda um retrato desses intelectuais vendidos, que colocam sua inteligência a serviço

dos senhores da vida. O autor mostra que hoje, para os intelectuais, e artistas, só há dois caminhos: vender-se ou colocar-se a serviço do povo e de suas lutas.

De outro lado o romancista destaca, num paralelo sem artifícios, a nobreza e o heroísmo da classe operária na sua simplicidade. Ruivo, Carlos e Mariana, na sua beleza, são símbolos de um outro estilo de vida, de uma outra classe, de um povo que luta, quer e vai se libertar. A reação e as bestialidades policiais — descritas de forma candente pelo autor — se nos deixa uma impressão depressiva, também mostra o que foi o «Estado Novo» e nos dá a certeza de que seremos vitoriosos na grande luta, pois à frente de nosso povo estão os comunistas, estão homens como Vitor, Ruivo, Zé Pedro, Carlos e outros, está a figura de Prestes, cuja posição diante do tribunal fascista é, sem dúvida, o ponto alto do romance.

No entanto, a meu ver, existe muito de formalismo na caracterização das figuras revolucionárias do livro, mas não se pode dizer a mesma coisa das figuras burguesas. Ai, na minha opinião, está uma séria debilidade, porque o leitor poderia ser levado a crer que um Shopel ou um Artur merecem mais esmero por parte do autor. Acredito que tal se deu por duas razões: a primeira, de fundo ideológico e a segunda, consequente à mundanidade de «cenários» do romancista. A verdade é que as figuras da elite paulista têm mais vida que as figuras proletárias. Isto quer dizer que ainda persistem no autor certas crainas.

Assinala-se, finalmente, que Jorge Amado, ao elaborar e apresentar «Os Subterrâneos da Liberdade», deu mais um exemplo do que deve ser um romancista do povo, um intelectual de vanguarda. Exemplo que serve principalmente aos intelectuais paulistas, mesmo aos mais identificados com as lutas do povo, que ainda não se decidiram a fazer algo que os identifique definitivamente com os destinos da classe operária.

PROTESTAM OS INTELECTUAIS CONTRA A PRISÃO DE JUAN MARINELLO

INTELECTUAIS brasileiros dirigiram, ontem, um telegrama de protesto ao ditador cubano, Fulgêncio Batista, contra a arbitrariedade prisão do escritor e educador Juan Marinello, Presidente do Partido Socialista Popular. Batista, titere de Wall Street, odeia a cultura, e procura calar, pela violência policial, a voz dos escritores fieis ao seu povo. Eis a íntegra da mensagem telegráfica:

«Presidente Batista, Havana, Cuba. Intelectuais bra-

sileiros protestam energicamente junto V. Excia. prisão do grande escritor Juan Marinello, glória lettras americanas, reclamam sua imediata libertação». Seguem-se cêrcas de duzentas assinaturas de escritores e artistas de vários Estados, dentre elas as de Astrojildo Pereira, Cândido Portinari, Oscar Niemeyer, Lila Ripoll, Edison Carneiro, José Pancetti, Villanova Artigas, Afonso Schmidt, Pedro Mota Lima, Dalcidio Jurandir, Alina Paim, e Alcides Rocha Miranda.

AS MOLAS dos navios rangiam, gemendo desesperadamente sob o peso da carga. Soava o apito, as pessoas conversavam mas ninguém se aproximava do navio.

Os soldados de guarda e os oficiais do porto corriam como loucos de cá para lá. Os operários se haviam retirado para longe do dique e esperavam. As ordens já não eram obedecidas, a bandeira do porto tinha sido rasgada em pedaços. Não havia razão para obedecer-las, pois o trabalho havia cessado.

— Você acha, camarada Mikail, que nos deixarão enterrá-lo como desejamos?

O interrogado permaneceu silencioso. Era um homem alto, de largas espáduas e braços fortes. Olhava ao longe, como se estivesse ausente enquanto seu lábio inferior tremia incessantemente.

— Eu lhe perguntei, camarada Mikail, porque quer saber sua opinião. Você é mais indicado para nos orientar neste assunto. Você foi o dirigente de nosso Sindicato por muitos anos e, além disso, Galaciuc era um bom companheiro seu.

Mas o camarada Mikail não respondeu. Seu lábio estremecia ainda agitado, e até seus pêmulos pareciam mover-se. Podia-se ver facilmente o esforço que fazia para deter o tremor, sem conseguir-lo. Apertava as mandíbulas. Disse:

— Temos que esperar Simion, temos que esperar. Sei que é difícil para você, porém se quiser conseguir algo em definitivo tem primeiro que ruminar muito bem e muito bem mastigá-lo. Quero dizer, que você precisa ficar zangado mesmo, tem que acumular raiva em seu peito. Não pode fazê-lo de outra maneira. A grande batalha será travada um dia; não teremos muito que esperar.

Simion esticou seu fino pescoço para frente, seus olhos se unedeceram. Fraco e pequeno, olhava fixamente para Mikail que falava tão excitado que quase gaguejava.

— Sim, sem dúvida, a grande batalha virá. Durante vinte anos mordemos e acumulamos raiva, porém, não podemos adiá-la por mais tempo.

— Compreendo, camarada Simion e concordo com você que qualquer movimento de rebelião de parte dos trabalhadores tem que ajudar a causa do proletariado. Sómente insisti em que devemos estar organizados. Quanto melhor organizarmos nossa luta, mais segura e pronta será a vitória. Neste caso de agora, por exemplo, queremos fazer o enterro de Galaciuc, o que significa parar o trabalho por algumas horas. Não teremos êxito; temos somente uns duzentos braços, enquanto que no outro extremo da cidade há todo um regimento com sua artilharia apontada contra nós. Velando pela melhor forma de ajudar a nossa causa, não nos daremos por vencidos. Sei que alguns dos nossos tombarão. Caixão como um sacrifício pela causa do proletariado, por Elisabeta Galaciuc, pelos filhos de Galaciuc.

Uma iranja de rubros raios de sol potente apareceu sobre o Danúbio e suas margens. Cór de sangue, um vermelho ardente que simbolicamente tingiu a terra e a água. Brancas gaivotas voavam sobre as gáveas ou se arrojavam sobre as plácidas águas do Danúbio.

No porto, quatro estivadores do Comitê do Sindicato haviam estado durante várias horas fazendo gestão a respeito do funeral de Galaciuc. Os trabalhadores solicitaram a suspensão do trabalho e acompanhar o enterro do camarada.

Os funcionários da cidade se opuseram obstinadamente a este pedido. Seria considerada como uma demonstração dos operários, proibida pela lei, e as autoridades do porto não podiam permitir que se suspenesse os trabalhos em virtude do enterro de um carregador, no momento em que havia chegado ao porto dois navios carregados.

O cortejo deveria ter partido às três da tarde. As autoridades do porto proibiram-no, e a qualquer interrupção no trabalho. Mas os trabalhadores pararam o trabalho por iniciativa própria. Os esforços das autoridades do porto para fazê-los desistir e voltar ao serviço, foram inúteis. Enérgicas ameaças, multas, descontinuidade de turnos; tudo experimentaram. Ninguém voltou a trabalhar.

A decisão dos operários serviu como um protesto, sua expressão de descontentamento pela forma como os funcionários do porto consideravam suas necessidades. Galaciuc fôr o sexto homem afogado pelo derreter de uma ponte. As numerosas queixas expostas pelos trabalhadores ante as autoridades do porto não eram satisfeitas pela simples razão de que uma ponte mais sólida custava dinheiro.

• • •

Na choça de madeira, em um ataúde simples recém-fabricado e colocado sobre um montão de sacos vazios, Galaciuc estava estendido, esperando.

Inchado pela água, os lábios côn de púrpura, estava gordo e plácido.

Rebelião no Pôrto

De vez em quando, Elisabeta Galaciuc, sua esposa, abanava-o com uma folha de bardana para espantar as moscas que revolteavam sobre o rosto do morto. Chorava sem descanso, inconsolavelmente. Desejaria deixar de chorar, mas não podia. Repentinamente, disse:

— Se não o enterrarmos hoje necessitaremos velas para noite, — e continuou chorando, amargamente.

— O Sindicato! — O Sindicato tem dinheiro; nossas economias, — contestou uma voz profunda, saída de um grupo de operários sentados em um montão de coque.

— Oh! O Sindicato, o Sindicato, — exclamou Elisabeta, ainda chorando.

Ao lado dela estavam Avram e Marcu, os filhos de Galaciuc, desajeitados e magricelas. Observavam a barriga inchada de eu pai e não podiam compreender de onde tirara tanta comida.

Gritos, blasfêmias e um murmúrio continuado, ouviam-se do lado de fora. Os poucos operários que estavam dentro da choça levantaram-se de um salto e correram para a porta. Assustada pelo ruído, Elisabeta manteve presos os garotos e instintivamente acerrou-se do morto, como esperando sua proteção. Gemia agudamente, sem saber o que fazia.

Aterrorizados, os dois filhos do carregador, de ombros débeis, pés descalços e camisas rasgadas, puseram-se também a gemer.

Os operários entraram e a choça de madeira tremeu.

De repente, todos se calaram.

Os gritos desesperados da família Galaciuc apagaram por um momento a ira dos operários.

Então Mikail, descobrindo-se e aproximando-se do ataúde, começou a falar:

— Elisabeta, todos compreendem sua desesperada situação, porém você deve se controlar. A desgraça que caiu sobre você pode cair sobre qualquer outra mulher de operário. Temos más notícias. Os companheiros que foram solicitar autorização para acompanhar Galaciuc a sua sepultura, não a conseguiram. Mas isso não quer dizer nada. Não te abandonaremos. Confie em nós.

Elisabeta olhava estupidamente a multidão que a rodeava. Sentia sólamente os braços de seus filhos assustados, agarrando suas pernas. Levantou a cabeça e disse entre soluços:

— As crianças... Pensem nas crianças; são filhos de Galaciuc.

Seis homens se adiantaram e levantando o ataúde, colocaram-no sobre os ombros. Mais de cem operários aderiram ao desfile no caminho, acompanhando o homem morto, com Elisabeta e as crianças atrás.

Estava bastante escuro. O caminho que une o porto à cidade, estendia-se como uma faixa branca. De ambos os lados, escondidas entre os salgueiros brilhavam as luzes dos faróis. A coluna avançava em silêncio, inofensiva; até a mulher de Galaciuc havia deixado de chorar. Caminhava sustentada por dois operários.

Por momentos, procurava fazer ouvir sua voz gasta:

— Escutem, camaradas, precisamos de um padre. Não quero que ele seja enterrado sem padre.

— Naturalmente, disse alguém com o propósito de acalmá-la, — Não se inquiete, o padre se juntará a nós no caminho. Ninguém pensará nisso.

Teremos um padre e um padre gordo, sem dúvida... — Mas de que serviria um padre barrigudo entre esses trabalhadores exaustos pelo trabalho?

Durante dois anos, o porto enterrara os cadáveres sem padres.

Assim, o cortejo, que se constituía dos trabalhadores, da viúva e dos filhos, possuía um aspecto muito mais digno.

Só mulheres ainda escravas de superstição corriam atrás de um padre, porém nenhuma escutava.

Aumentava a escuridão. E era já noite. As lampadas davam uma luz verde pálida, furando a escuridão em alguns lugares. A coluna de operários caminhava triste e silenciosa. Acompanhavam o seu camarada morto, mas certamente, cada um pensava em sua própria vida miserável e rude.

A mulher de Galaciuc, falou a seus filhos; estes não se atreviam a responder e se agarrawam a seu vestido.

— Já sei que estão com fome, — disse — esperem um pouquinho, vai terminar, logo.

E se pôs a pensar no que fazer para mitigar a fome das crianças.

De repente, ouviram-se passos no caminho, diante deles, o passo pesado de botas cravejadas. Alguém gritou:

— Prendam-nos!

E todos pararam. Correram uns segundos de silêncio e angustiosa atenção. Os passos se faziam mais fortes e tudo se esclareceu. Eram soldados! A mesma voz, gritou:

— São os soldados! Parem, são os soldados!

A coluna foi obstruída, colhida pelo pálio.

Todos correram pondo-se à frente do ataúde, formando uma barricada; apenas, Elisabeta e as crianças ficaram atrás.

Não avançaram mais, esperavam, vigilantes, preparando-se, terrivelmente excitados, para defender um operário afogado.

Os soldados estavam já diante deles. Uns passos separavam os dois campos. De um lado, trabalhadores com uniforme militar; de outro, operários, porém de macacão:

Uma voz grossa predominava, sem dúvida era Mikail.

Ninguém abandona o caminho, cuidado com as crianças, que não sejam feridas!

Elisabeta e os dois meninos tinham sido postos a salvo, do outro lado da valeta e o ataúde junto a elas.

Na estrada, a luta havia começado. Os soldados golpeavam furiosamente e pragüavam; ouvia-se um ranger de dentes.

Uma descarga de fuzilaria transformou tudo num inferno. Os trabalhadores foram cercados por todos os lados. Mikail continuava gritando:

— Não deixem o caminho! Para a frente!

Mas todos os esforços foram vãos. As culatrás dos fuzis feriam duramente os operários, que nem sequer tinham pedras para defender-se. Muitos caíram e gemiam baixo sob as botas dos soldados.

Os trabalhadores foram rodeados, submetidos e forçados pelos golpes a voltar para a cidade...

Já estavam longe do lugar da refrega.

A medida que se afastavam os protestos e gritos faziam-se cada vez mais confusos.

Enfim, sobre o campo reinou um completo silêncio e na estrada da cidade cessou todo ruído.

A esquerda da estrada, ao outro da vila, a viúva e os dois filhos contemplavam o ataúde do carregador.

Duas figuras surgiram da obscuridade. São Mikail e Simion. Ambos se ajoelharam junto à família Galaciuc.

Elisabeta chorava. Os dois operários não choraram, enxugam o suor e o sangue de seus rostos.

— Voltemos à cidade, camarada Elisabeta. O caixão não pode permanecer aqui.

A mulher não tem forças para dizer nada. Levanta-se como ausente arrastando atrás dela a Marcu e Avram, que estão meio embrutecidos.

Os dois trabalhadores levantam o caixão sobre os ombros. O cortejo dá volta, mudando-se dificilmente na obscuridade.

Ninguém chora, Elisabeta já não comprehende o que ocorre à sua volta. Não sabe se os dois garotos que se agarraram a ela, choram ou estão calados. Pergunta algo, que ninguém responde. Talvez não a tenham escutado ou não seja importante.

O pequeno cortejo detém-se, Mikail comprehende que Simion está cansado. Deposita novamente o ataúde no solo para descansar um pouco.

— Em todo caso, — diz Simion em voz cansada — batalha tinha de ser travada. Está muito aborrecido por isso?

Mikail não responde e Simion também não faz outras perguntas.

As sirenes dos navios gemem desesperadamente, mas, com certeza não sairão amanhã.



Ilustração de OTAVIO ARAUJO

A Companhia Dramática Nacional...

(Conclusão da pág. central)

val a caçamba. Em primeiro lugar, escolha-se uma das peças mais fracas do criador de «O Novilho» — cômódamente separado de nós por um século inteiro. E afim temos, montada, «As casadas solteiras». O texto, contudo, não satisfaz plenamente: há o ridículo cobrindo os ingleses (hoje seriam norte-americanos...), há as cenas populares e de costumes, há a vitória final das moças brasileiras. E' meter mãos à obra e descharacterizar a peça. O diretor o fez, com mestria: o primeiro ato à Molière, o segundo à Marivaux, o terceiro à Comédia Dell'Arte, nenhum à Martins Pena. Fê-lo, todavia, posso afirmá-lo com segurança, de boa fé. A ausência de malícia de sua parte, entretanto, não anula os efeitos que produziu.

E se não os obtivesse talvez não levasse a direção até o fim. Os pretextos fatalmente surgiram para tomar-lhe dos ombros o trabalho.

De repente, ouviram-se passos no caminho, diante deles, o passo pesado de botas cravejadas. Alguém gritou:

— Prendam-nos!

E todos pararam. Correram uns segundos de silêncio e angustiosa atenção. Os passos se faziam mais fortes e tudo se esclareceu. Eram soldados! A mesma voz,

gritou:

— São os soldados! Parem, são os soldados!

A coluna foi obstruída, colhida pelo pálio.

ainda, comentário, no fecho desta reportagem: "Senhora dos Afogados" voltou à cena, desta feita no Ginásico. Parece incrível, com efeito. A iniciativa da direção da Companhia Dramática Nacional — no seu afã doméstico de servir aos mesquinhos interesses do governo — chega ao ponto de chocar-se acintosamente

no primeiro caso, falsificando a com a maioria (qualitativa e quantitativa) da crítica especializada, que veementemente condenou a obra de Nelson Rodrigues: a partida da empresa, em "tournée", foi adiada, e a brillante idéia (certamente originária da mesma fonte que de maneira tão categorica argumentou com Solaro Trindade, de afrontar de novo o povo carioca, atirando-lhe o imbróglio de Nelson Rodrigues, adiacionado à nova receita, gues, anda gloriosamente escondida nos jornais, em quaisquer

Um fato derradeiro pede, tro colunas de matéria paga.

LAMENTO

Aí tem o leitor, em traços largos, o sentido real da empresa teatral (pretensão e águas benta, cada qual toma a que quer) que um dia desejo ser no Brasil o que na França é a «Comédie Française». Restamos lamentar que o talento e a capacidade de elementos como Bibi Ferreira e José Maria Monteiro, entre muitos outros, sofram o desperdício e o aviltamento a que os submetem os diretores da companhia, o governo, a denegociação barata de Getúlio Vargas. A mesma demagogia que malbaratou Cr\$ 2.500.000,00 nessa aventura, que anuncia ao Brasil a hoje famosa «salvadora juventude», o lugar ao sol, a glória sem a sujeição das condicões.

SETE DIAS DE CINEMA ITALIANO



A lésissima Gina Lollobrigida demonstra que também é boa atriz em "Nossos Tempos" e "Insatisfeita".

DURANTE UMA SEMANA, um grupo de cinemas, em diversas cidades brasileiras, exibiu uma série de sete filmes italianos, reunidos num «festival» organizado por seu distribuidor brasileiro. Ainda que a empreitada tivesse tido um cunho essencialmente comercial, não deixou, por outro lado, de representar uma interessantíssima oportunidade para quem deseja conhecer os rumos do atual cinema italiano.

De saída, é justo que se constate a estrondosa superioridade desse «festival» sobre o recente e triste «festival» da Metro, no qual só houve mesmo aquele «Mogambo», obra típica da decadência de John Ford (realizador de «Vinhos da Ira»), mas infinitamente superior às boboseiras de Esther Williams & Cia. que a Metro escolheu como representativas do que há de melhor em sua programação. Também vale assinalar que a idéia desses festivais não pertence aos senhores de Hollywood, como afirmou o divertido psiquiatra que assina a crônica de cinema do «Correio da Manhã». Os festivais cinematográficos nasceram na Europa, há muitos anos, e o deslentado escriba poderia verificarlo em seus respeitáveis arquivos, sem dificuldade, se não estivesse sempre empurrado em defender as «idéias» dos magnatas de Hollywood, para ele infalíveis.

Mas, falando de coisas mais agradáveis, e voltando ao assunto que nos trouxe à máquina de escrever, passemos a uma breve análise dos filmes mostrados nessa semana, aos quais poderemos juntar «Páscoa de Sangue», visto na semana anterior, e mesmo «Filhos de Ninguém», que substituiu o «divisivo» em alguns cinemas do Rio. Assim, teremos um esboço de retrato do cinema italiano atual.

TRES HISTÓRIAS PROIBIDAS e PUCCINI

Dos diretores responsáveis por essas obras, dois tiveram relações íntimas com o fascismo, e não é por coincidência que produziram os piores filmes do «festival»: «Três Histórias Proibidas», de Augusto Genina, e «Puccini», de Carmine Gallone. Genina foi o realizador de dois dos mais notórios espetáculos do cinema mussoliniano, «Alcazar» e «Bengasi»; Gallone fez o grandiloquente «Cipião, o Africano». São indubbiamente, diretores de tarimba, quase sempre proficientes e seguros, mas que jamais deixam de exibir suas idéias anti-humanas. No caso dos filmes do «festival», «Puccini» é apenas mais uma obra operática, mostrando a vida do compositor do mesmo nome, que o novato Gabriele Ferzetti interpreta. Filme comum, um tanto cansativo, que só serve para mostrar a segurança com que os italiani pensaram nos domínios da cér (no caso, o processo americano Technicolor). Quanto a «Três Histórias Proibidas», contém três episódios inspirados no mesmo caso real que serviu de base ao admirável «Roma às Onze Horas», de Giuseppe de Santis.

Sómente a comparação entre um e outro filme constituiria excelente material para polêmica — e muitos artigos. Aqui, entretanto, pretendemos ressaltar os prismas inteiramente diferentes através dos quais Genina e De Santis analisam um só fato. Enquanto o autor de «Alcazar» aproveita o enredo para fazer a pior comédia dos últimos tempos (o segundo episódio, interpretado pela bonita Antonella Lualdi) e para explorar falsamente o caso de uma jovem violentada (Lia Amanda) e de uma outra jovem viciada em cocaína (Eleanora Rossi Drago), Giuseppe de Santis, atingindo a maturidade de sua carreira, foi buscar, com a inestimável ajuda de Cesare Zavattini (sem dúvida, um dos maiores escritores que o cinema já teve a seu serviço), as causas da tragédia, localizando-as com eloquência na própria irresponsabilidade dessa sociedade que fomenta a fome, o desemprego e a miséria para sobreviver mais alguns anos. Assim, não é de admirar que o espectador saia de «Três Histórias Proibidas» com vontade de tornar a ver «Roma às Onze Horas».

Augusto Genina é colocado por certos estetas entre os melhores diretores do cinema italiano. «Três Histórias Proibidas» entretanto, colocam-no abaixo desse modestíssimo Rafaclo Matarazzo que dirigiu «Filhos de Ninguém», drama popularesco que teve enorme sucesso na Itália, explodindo o mesmo filão que arranca lágrimas das leitoras de «Grade Hotel» e das ouvintes de novelas radiofônicas. Pois,

enquanto um Matarazzo fica no dramalhão, obrigando-se a defender e difundir preconceitos arraigados no seio do povo, Genina que voar mais alto e fazer tragédia à Tennessee Williams ou à Nelson Rodrigues, pretendendo mostrar que o mundo está cheio de tarados, viçados, desesperançados. E não há dúvida de que assim é o «pequeno mundo» de Augusto Genina.

NOTAS SÔBRE UM «FESTIVAL»

A. GOMES PRATA

gue» é anterior a «Roma às Onze Horas», onde o jovem diretor conseguiu superar o erotismo e o sensacionalismo que vinham descolorindo sua obra.

GUARDAS E LADRÕES

«Guardas e Ladrões», de Steno e Monicelli, está mais dentro da simplicidade que é uma das principais características do cinema italiano do apôs-guerra. Ai, uma das maiores atrações reside na interpretação de Totó e Aldo Fabrizzi, dois extraordinários comediantes. Filme bem escrito, com situações cheirando à vida, é recomendável como diversão conscientemente levada para o terreno da sátira social.

E chegamos ao mais pesado dos filmes italianos lançados nesses dias. Trata-se de «Umberto D», escrito por Zavattini e dirigido por Vittorio de Sica, que assim brilhou como ator («Outros Tempos») e como diretor

UMBERTO D e UMA TRILOGIA

«Umberto D» é um filme lento, inexorável, onde se conta a história da velhice desamparada. No ambiente onde se desenrola, a Itália dos democrata-cristãos, não poderia ser outra a saída (ou falta de saída) que Zavattini e De Sica dão à triste história de seu triste herói. Tavez «Umberto D» seja a obra final de uma trilogia iniciada com «Sciuscià» (a infância desamparada do apôs-guerra) e continuada em «Ladrões de Bicicletas» (o desemprego). Realmente, vistos em conjunto, os filmes se completam, e nos dão um apavorante panorama dos problemas da Itália. Pode-se lamentar que os dois inteligentes cineastas não tenham aprofundado ainda mais esse estudo da Itália do apôs-guerra, mostrando aspectos mais esperançosos — na apresentação, por exemplo, de figuras politizadas. Houve, em verdade, uma tentativa assim em «Ladrões de Bicicletas», mas foi breve demais para pesar



Dois ótimos comediantes, Totó e Aldo Fabrizzi, estão juntos no divertidíssimo «Guardas e Ladrões».



Carlo Battisti e Maria Pio Casiglio são os principais intérpretes de «Umberto D», de De Sica

na consciência do público. De qualquer maneira, «Umberto D», ainda que frio em certos momentos, é um filme grave, importante, em tom de denúncia. Achamos que De Sica errou ao escolher o intérprete principal, Carlo Battisti, um professor universitário que jamais representaria antes. Em Vittorio Maggiorani, operário, ele encontrou o intérprete ideal para «Ladrões de Bicicletas». Mas, ao que parece, o professor universitário nem por um momento conseguiu sentir, em total a sua profundidade, as angústias daquele velhinho abandonado como um trapo, como o cachorrinho que é seu único amigo. E a frieza do intérprete prejudicou o impacto dramático do filme, que, ainda assim, merece figurar entre as mais sérias obras cinematográficas dos últimos anos.

Agora, só nos resta fazer um pedido e uma recomendação aos distribuidores de filmes italianos. O «festival», apesar de suas falhas, foi um enorme sucesso de público — um grande êxito comercial. Está provadíssimo que o povo brasileiro sente uma grande afinidade para com o povo italiano. Por isso, os filmes italianos sempre encontrarão bom acolhida entre nós, logo que continuem a seguir pela trilha que vêm seguindo neste apôs-guerra. Como todos os povos, o nosso quer ver sinais de vida e de esperança — de realidade — na tela. Se é por isso que vem fugindo da morbidez e da violência dos produtos de Hollywood, também é por isso que apoia cada vez mais os filmes vindos da Itália.

Portanto, senhores distribuidores, aproveitem a deixa. Eis chegada a hora de trazer para o Brasil uma seleção cada vez melhor de filmes italianos. Que venham menos «Filhos de Ninguém». Que venham mais «Guardas e Ladrões», «Cidade da Perdição», «Outros Tempos», «Umberto D». Queremos a realidade cotidiana da Itália. Queremos ver vida.

(AQUI) FALA A ESTRELA

NO DIA em que, quase simultaneamente, os cientistas soviéticos e os ingleses receberam o primeiro trem de rádio-ondas provenientes da mais remota profundidade do universo, houve mais alegria que surpresa. A alegria provinha de haver superado as dificuldades técnicas e de ter fornecido assim aos homens um novo e potente meio de investigar a estrutura do universo. Mas não houve surpresa excessiva pois as ondas luminosas e as de rádio têm natureza idêntica (diferem sómente na frequência), e isso permitia prever que as estrelas enviando suas pulsões luminosas também transmitissem, sobre uma faixa de frequência diversa, os sinais do rádio. A rádio-astronomia nasceu com a finalidade de investigar o universo aproveitando estes sinais e não mais a luz das estrelas, que nos 5.000 anos de história da astronomia constituíram a única ligação entre o homem e os outros mundos. Percebeu-se porém nestes últimos tempos que a rádio-astronomia é uma ciência bem mais poderosa do que parecia no seu inicio. Até nas regiões do céu onde os mais potentes telescópios não revelam nenhum astro, os rádio-telescópios assinalam a presença das rádio-estrelas. No terreno prático a rádio-astronomia tem aspectos de grande utilidade: das ondas de rádio que o sol nos envia podemos prever as tempestades magnéticas que tanto dano causam às comunicações por rádio e aéreas.

No ano de 1054 os astrónomos da corte do Imperador da China viram, numa noite fria e serena de janeiro, um espetáculo dos mais grandiosos que a natureza jamais havia oferecido aos homens. Numa zona do céu estrelado, perto da constelação do Touro aparecia uma pequena luz, até então jamais observada. Pensaram ser um cometa: mas na noite seguinte a nova estrela se encontrava sempre fixa e ainda mais luminosa. Pela sua luminosidade de ela superava Venus, o terceiro corpo celeste depois do sol e da lua. Na manhã seguinte na luz azul do céu era ainda possível ver brilhar o novo astro. Testemunhos do escritor antigo dão conta da impressão que este fato exerceu sobre o ânimo do povo e dos próprios astrónomos. Depois de alguns meses a inverossimel luminosidade daquela estrela (que era dez milhões de vezes maior que a do sol) começou a declinar fortemente e pouco a pouco cessou de ser visível.

A estrela observada no ano de 1054 era o que hoje chamamos de uma «super-nova». O fenômeno de cres-

cimento destas estrelas é certamente um dos mais gigantescos da natureza. Deve a razões ainda não esclarecidas, provavelmente a alguma explosão, as estrelas desse tipo começam a inchar. A sua superfície atinge proporções gigantescas: por exemplo, uma destas estrelas poderia conter a órbita de Plutão, o mais afastado dos planetas do sistema solar. Juntamente ao enorme aumento de sua superfície, a intensidade de luz emitida pela estrela aumenta uma centenaria de milhões de vezes. Depois o invólucro externo se destaca e assim se forma uma nebulosa.

A estrela começa a diminuir de proporções e de luminosidade, até retornar as dimensões primitivas e às vezes mesmo menor.

Este fenômeno de crescimento das super-novas acontece muito raramente. Na nossa Galaxia este fato acontece em cada 300 anos em média. Foi observada uma na Dinamarca em 1572, outra na Alemanha em 1604 e a terceira em 1918. Há dois anos atrás os cientistas soviéticos endereçaram seus aperfeiçoados aparelhos pa-

ra o ponto do céu onde novecentos anos atrás tinha aparecido a super-nova. Já os telescópios possantes haviam mostrado que naquela zona do universo existia uma nebulosa.

Esta nebulosa é constituída por gases provenientes da super-nova observada pelos astrónomos chineses. Estes gases iluminam-se e dilatam-se com a velocidade de 100 quilómetros por segundo.

Os aparelhos dos astrónomos soviéticos, enormes receptores de ondas de rádio, mal postos em posição começaram a emitir os sinais. Da nebulosa vieram a chegar sinais de rádio. Este pode ser considerado como o primeiro grande resultado de uma nova ciência, a rádio-astronomia. Esta ciência, nascida há dez anos, ocupa-se do estudo das rádio-ondas emitidas pelos corpos celestes. Enquanto que na astronomia utilizam-se telescópios e espectrografos, na rádio-astronomia empregam-se antenas complexas ou grandes espelhos metálicos em forma parabólica, e também receptores de rádio de grande precisão. Tais dispositivos são chamados de rádio-telescópios. Quanto maior a dimensão da antena ou do espelho do rádio-teles-

copio tanto mais radiações emitidas por um corpo celeste serão captadas. Atualmente funcionam já alguns rádio-telescópios.

A rádio-astronomia estuda as rádio-ondas cósmicas, cujo comprimento varia da 10-15 metros até 1 centímetro. Tais ondas podem atravessar a atmosfera terrestre, enquanto que as outras ondas, curtas ou mais longas são absorvidas pelas moléculas que constituem a atmosfera. Esta nova ciência, que se desenvolve rapidamente já possui subdivisões. Assim, a rádio-astronomia solar estuda as rádio-ondas emanadas das várias camadas da atmosfera solar. Como se verifica a potência dessas ondas varia frequentemente. Quando o sol está recoberto de numerosas manchas a radiação aumenta notavelmente. Quando sobre o sol aparecem as chamadas «protuberâncias» a intensidade torna-se particularmente elevada, atingindo valores milhares de vezes maior do que quando o Sol está «normal». O estudo de tais radiações tem contribuído para esclarecer uma série de fenômenos que se passam na superfície solar, até então inexplicáveis. Estes estudos têm também uma grande importância prática, pois estes fenômenos de atividade solar têm influência num conjunto de fenômenos terrestres, como por exemplo sobre as condições de rádio-transmissão através da atmosfera celeste.

Existe na URSS um «rádio serviço solar», que se ocupa em observar as rádio-ondas que provêm do Sol dos mais diversos comprimentos (centímetros, decímetros e metros).

Os resultados desses serviços são comparados com os obtidos do serviço solar óptico, e permitem conhecer melhor as leis que regulam os processos que se verificam na atmosfera solar. De tal modo que se abre a possibilidade de prever fenômenos solares e fenômenos terrestres correlatos, como as tempestades magnéticas, o que é muito importante para a rádio-transmissão, os transportes aéreos, etc.

No entanto, sem dúvida os maiores sucessos da rádio-astronomia foram obtidos pelo estudo dos rádio-sinais provindos de corpos celestes muitíssimo afastados da Terra.

AS NUVEIS INTERSTELARES

Já há alguns anos sabe-se

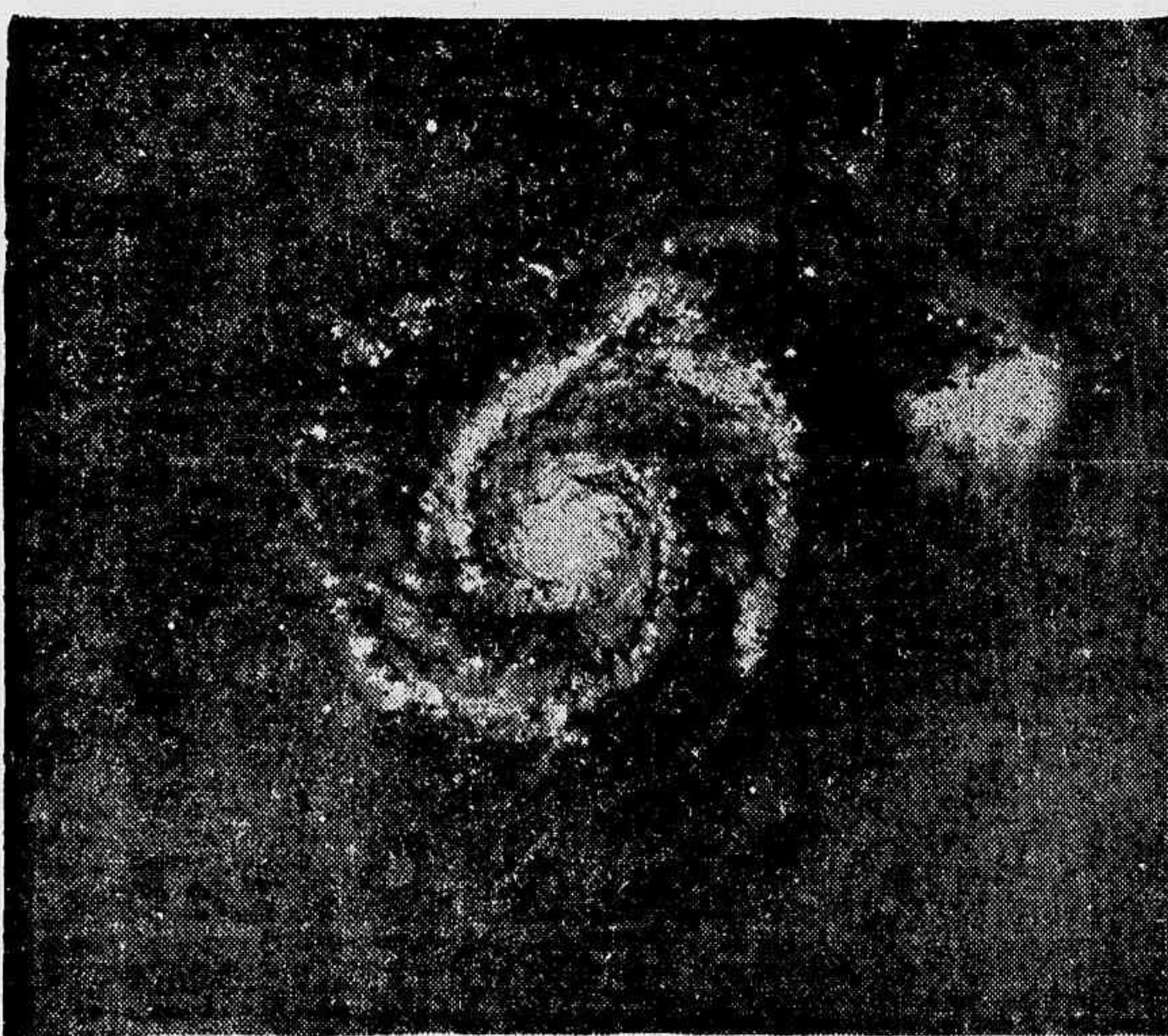
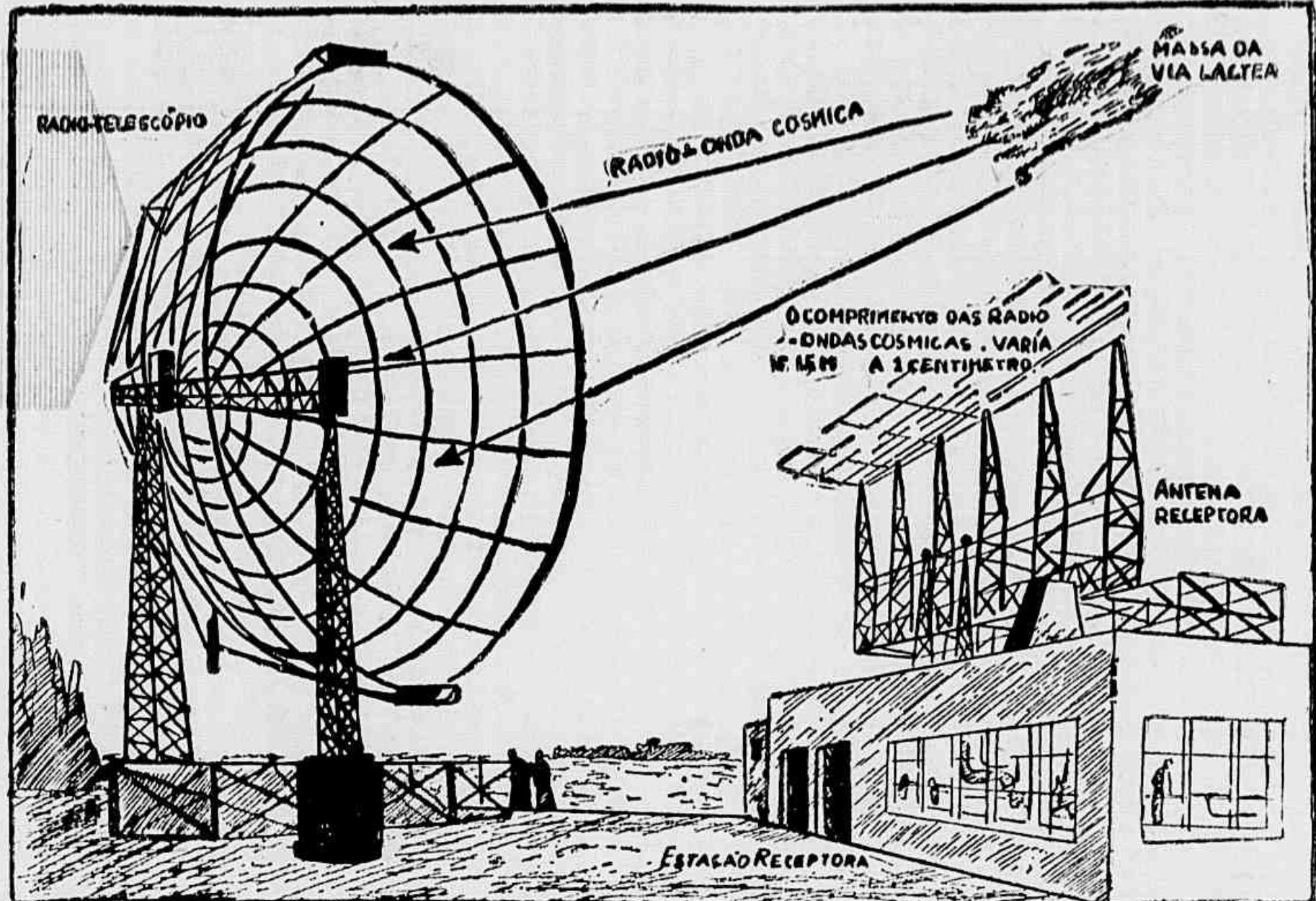
que a Via Lactea é uma fonte emissora de rádio-sinais. A Via Lactea, como é sabido, é um sistema constituído por algumas dezenas de milhares de estrelas. Entre estas, o nosso Sol é uma das mais modestas. Este sistema é também chamado de Galáxia, e seu diâmetro é cerca de 100.000 anos luz. A distância do Sol ao centro da Galáxia é de cerca de 25.000 anos luz. Para dar-se conta desses números basta recordar que por um ano luz se entende a distância percorrida por um raio de luz em um ano, com a velocidade de 300.000 quilómetros por segundo.

A mais forte emissão de rádio-ondas verifica-se na região central da Galáxia, onde se encontra a constelação do Sagitário, existindo também outros máximos secundários (por exemplo na constelação do Cisne). Tentou-se primeiramente analisar esta radiação da Galáxia considerando como rádio-transmissora as estrelas que fazem parte do sistema. Recentemente constatou-se que isso não pode ser verdade: as fontes dos rádio-sinais encontram-se na região entre as estrelas. Realmente fazem parte da Galáxia gigantescas «nuvens» de gás interestelar que se encontra em estado muito rarefeito. Estas nuvens têm algumas dezenas de anos luz de tamanho.

Quando estas «nuvens» se encontram perto de estrelas muito quentes, com uma temperatura na superfície de algumas dezenas de milhares de graus, o gás interestelar esquenta-se até alguns milhares de graus. Este gás assim aquecido pode emitir rádio-ondas.

De tal modo ficou apurado que os restos das super-novas são fontes rádio-emissoras. Não são de fato as estrelas que irradiam as rádio-ondas, mas as nebulosas geradas quando as estrelas são acesas. A causa da emissão de rádio-ondas dos restos das estrelas super-novas são os elétrons que se movem com enorme energia no interior do campo magnético pouco intenso que se forma nas nebulosas. Por cada estrela super-nova que se acende forma-se uma determinada quantidade de elétrons que emitem rádio-ondas e núcleos atômicos positivos. Conhecendo a intensidade das rádio-ondas proveniente dos restos da estrela super-nova que está acesa e a sua distância pode-se calcular o número de partículas cósmicas que são geradas numa ascenção. Estes fatos permitem também prever e explicar várias propriedades da radiação cósmica, que enche os espaços interestelares. E, a análise das observações rádio-astronómicas poderá fornecer indicações importantes sobre a questão da origem dos raios cósmicos, problema até hoje não resolvido.

A rádio-astronomia é uma ciência muito jovem. Estamos assistindo seus primeiros sucessos e sómente poucos deles foram narrados neste artigo. Não há a menor dúvida de que rapidamente registraremos novas descobertas das mais importantes.



A intensidade de luz emitida pela estrela aumenta uma centena de milhões de vezes, depois o invólucro externo se destaca e assim se forma uma nebulosa.